

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**BRUNO FORTES LUCE**

**O BIBLIOTECÁRIO E AS FAKE NEWS:  
ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO NA ERA DA PÓS-VERDADE**

**Porto Alegre  
2018**

BRUNO FORTES LUCE

O BIBLIOTECÁRIO E AS FAKE NEWS:  
ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO NA ERA DA PÓS-VERDADE

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Eliane Lourdes da Silva Moro

Porto Alegre  
2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jane Fraga Tutikian

**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Diretora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Karla Maria Müller

Vice Diretora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ilza Maria Tourinho Girardi

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Chefe: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jeniffer Alves Cuty

Chefe Substituta: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Lourdes da Silva Moro

**COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Coordenadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Coordenador Substituto: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Júnior

**CIP - Catalogação na Publicação**

Luce, Bruno Fortes

O BIBLIOTECÁRIO E AS FAKE NEWS: ATUAÇÃO DO  
PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO NA ERA DA PÓS-VERDADE /  
Bruno Fortes Luce. -- 2018.

76 f.

Orientadora: Eliane Lourdes da Silva Moro.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de  
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Fake News . 2. Information Literacy. 3. Pós-  
Verdade. 4. Desinformação . 5. Bibliotecário  
Educador. I. Moro, Eliane Lourdes da Silva, orient.  
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - FABICO**

Rua Ramiro Barcelos, 2705 - Bairro Santana - Porto Alegre - RS CEP 90095-007



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ATA DE APRESENTAÇÃO

Aos 25 dias do mês de junho, às 15h, na sala 104 da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, reuniu-se a Banca Examinadora, constituída por Prof<sup>a</sup>. Eliane Lourdes da Silva Moro, orientadora, Prof.(a) Jeniffer Alves Cuty e Prof.(a) Lizandra Brasil Estabul sob coordenação do(a) primeiro(a), para assistir a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso do(a) aluno(a): Bruno Torres Ruce do Curso de Biblioteconomia, intitulado: O Bibliotecário e as Fake News: atuação do profissional da informação na era pós-verdade

O conceito atribuído foi A com louvor, condicionado à acolhida das sugestões com indicação para publicação do Trabalho e continuidade na Pós-graduação

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão da qual, para constar, lavro a presente Ata que, aprovada, será assinada por mim, orientadora, e pelos demais membros da Banca Examinadora.

Porto Alegre, 25 de junho de 2018.

EL Moro

Lizandra Brasil Estabul  
CRB 10/1405

Jeniffer Cuty

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

A banca examinadora, abaixo assinada, aprova o trabalho de conclusão de curso intitulado “O Bibliotecário e as Fake News: Atuação do profissional da informação na era da pós-verdade”, elaborado por Bruno Fortes Luce, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Lourdes da Silva Moro  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jeniffer Alves Cuty  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lizandra Brasil Estabel  
Instituto Federal do Rio Grande do Sul

Banca realizada em: 25/06/2018

Conceito: A

## AGRADECIMENTOS:

Vou começar agradecendo a minha família, meus pais Amália, João Ricardo, e minha irmã Camila, que compreenderam e me apoiaram nesse recomeço. Que estiveram ao meu lado durante toda a minha primeira graduação e a segunda graduação (juro que é a última agora). A minha namorada, Raquel, que esteve ao meu lado me motivando para continuar, ajudando quando era necessário, e que entendeu a importância desse momento para meu futuro. Também quero agradecer toda minha família: meus tios, tias e primos, principalmente minhas avós (Flávia e Djenane) que com 80 anos vão ver mais uma vez uma formatura minha. E meus avôs (Constante e Jorge) que não estão mais comigo, mas sei que estariam muito felizes com esse momento. Aos meus amigos do IPA e do *Brioko*, que entenderam a minha ausência em alguns eventos, também minhas reclamações em alguns momentos, e que mesmo um pouco distante, me ampararam quando necessário.

Os amigos que criei durante esses quatro anos de faculdade: Cris, Leila, Thiago, Júlia, Luísa, Paula. Ao pessoal que ajudou a construir o Tesouros de Papel, a Neli do Banco de Livros e a professora Lizandra do IFRS. Todos os voluntários e amigos: Bianka, Sofia, Arthur e Faby que não deixam esse projeto morrer. A Fernanda e a Priscila, que além de colegas/amigas são responsáveis por construir o TP junto comigo. A Débora, que esteve ao meu lado durante esses quatro anos de Biblioteconomia, me ajudando em todos os momentos, dando choques de realidade quando precisei e me apoiando nos projetos - sempre uma mãezona para todos da *biblio*. Também, gostaria de agradecer a minha orientadora Eliane Moro, que me apoiou e me aceitou como orientando mesmo em um período curto de tempo e que abraçou o projeto Tesouros de Papel, juntamente com os voluntários, e fez ele crescer e tomar forma.

Outro momento importante da minha caminhada dentro da Biblioteconomia foi a bolsa no repositório digital da UFRGS - Lume, onde aprendi muito com a Caterina e Janise, que foram extremamente generosas comigo, me mostrando toda a riqueza que é atuar dentro de um repositório digital e a importância deste para o desenvolvimento da pesquisa em nosso país. As minhas ex-colegas de CPD e atuais amigas, as bibliotecárias Edna e Tuany, que me ajudaram durante todo o Curso, tanto me auxiliando com as matérias da Faculdade, como trazendo comida para a biblioteca e até mesmo jogando conversa fora. E a Gabriela, minha *personal coaching* de assuntos gerais e companheira do chimarrão da manhã.

Se esqueci de alguém me perdoem, pois uma ou oitenta páginas são poucas para agradecer todos que passaram e me auxiliaram durante toda essa jornada.

As pessoas não são más  
Elas só estão perdidas  
Ainda há tempo  
(CRIOLO)

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise sobre a atuação do bibliotecário, enquanto mediador da informação, e suas competências no uso das fontes, afim de lidar com o fenômeno das *fake news* em ambientes virtuais. O estudo de caso foi a metodologia adotada para elaboração deste estudo, que através de um levantamento bibliográfico e *cases* construiu uma narrativa linear em seu referencial teórico. Este estudo buscou utilizar uma linguagem mais simples, não tanto acadêmica, permeando ao longo do texto inserções de tabelas e imagem. A utilização de matérias extraídos de páginas de redes sociais e matérias de veículos de comunicação acrescentaram na exemplificação do problema levantando pela pesquisa na busca da resposta. Ao final, por se tratar de um tema atual que ganha força em um ambiente de *Web*, o trabalho apresentou como resultados, mais propostas para futuros estudos do que conclusões definitivas, propondo um novo olhar ao contexto de atuação do bibliotecário.

**Palavras-chave:** *Fake News. Information Literacy. Pós-Verdade. Bibliotecário Mediador. Bibliotecário Educador. Desinformação*

## **ABSTRACT**

This paper presents an analysis about the role of the librarian, as mediator of the information, and its abilities in the use of the sources, to deal with the fake news phenomenon in virtual environments. The case study was the methodology adopted for the elaboration of this study, which, through a bibliographic survey and cases, created a linear narrative in its theoretical reference. This study sought to use a simpler language, not much academic, permeating throughout the text insertions of tables and images. The use of materials extracted from social networking pages and communication vehicles added in the exemplification of the problem raised by this paper in the search for an answer. In the end, since it is a current theme that gains strength in a Web environment, this work presented, as results, more questions for future studies than definitive conclusions, proposing a new look at the context of the librarian.

**Keywords:** Fake News. Information Literacy. Post-Truth. Librarian Mediator. Educator Librarian. Disinformation

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diferenciação da web 1.0 e web 2.0 .....	20
Figura 2 - Uso da internet pelos brasileiros .....	23
Figura 3 - Redes sociais mais utilizadas pelos brasileiros.....	24
Figura 4 - Retrato falado.....	32
Figura 5 - Manchete sobre vacinação .....	33
Figura 6 - Capa notícias naturais.....	33
Figura 7 - O lado obscuro das vacinas.....	34
Figura 8 - Matriz conceitual sobre alfabetização midiática informacional .....	58
Figura 9 - Demonstrativo das diferentes concepções de information literacy.....	59
Figura 10 - Releitura do demonstrativo das diferentes concepções de I.L. de Dudziak .....	60

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Classificação da desinformação.....	37
Quadro 2 - Possibilidades da sociedade civil .....	37
Quadro 3 - Possibilidades dos ministérios.....	38
Quadro 4 - Critérios para avaliação.....	39
Quadro 5 - Quesitos a serem questionados.....	40
Quadro 6 - Tipologia da informação .....	44
Quadro 7 - Canais (redes sociais) para produção e disseminação de informação. ..	46
Quadro 8 - 15 ações de literacia da informação - declaração de havana.....	54
Quadro 9 - 12 medidas para literacia .....	56

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACRL	Association of College and Research Libraries
ALA	American Library Association
ARPA	Advanced Research Projects Agency
CGI	Comitê Gestor da Internet
COE	Conselho da Europa
DCA	Defense Communication Agency
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
Fermilab	Fermi National Accelerator Laboratory
IFCN	International Fact-Checking Network
IFLA	International Federation of Library Associations and Institutions
ILE	Information Literacy Education
NCP	Network Control Protocol
NSF	National Science Foundation
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RNP	Rede Nacional de Pesquisa
TCP/IP	Transmission Control Protocol/ Internet Protocol
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
WWW	World Wide Web

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 UMA BREVE HISTÓRIA DA INTERNET</b> .....	18
2.1 WEB .....	19
2.3 A INTERNET NO BRASIL .....	24
<b>3 FAKE NEWS</b> .....	26
3.1 MONETIZAÇÃO DA MENTIRA .....	28
3.2 PÓS-VERDADE .....	30
3.3 A BARBÁRIE DA MENTIRA .....	31
3.4 MEDIDAS CONTRA A FAKE NEWS .....	35
3.4.1 Conselho da Europa .....	36
3.4.2 Deep Fake News .....	41
<b>4 INFORMAÇÃO</b> .....	43
4.1 FONTES DE INFORMAÇÃO .....	43
4.2 FONTES DE INFORMAÇÃO NA WEB .....	45
4.3 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO .....	46
<b>5 BIBLIOTECÁRIO NA WEB</b> .....	49
<b>6 INFORMATION LITERACY</b> .....	51
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	61
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	64

## 1 INTRODUÇÃO

Ao acordar estendo minha mão para pegar o celular, que com seu despertador avisa que é hora de levantar, esse mesmo aparelho que me ajuda a não perder a hora, também me informa e distrai através de informações<sup>1</sup> que recebo de forma gratuita na palma da minha mão. Deslizando meu dedo sobre a tela descubro que Bill Gates, o fundador e dono da *Microsoft*, mantém um plano de lucrar e acabar com vidas na África através da vacinação<sup>2</sup>; também descubro um homem que conseguiu comprovar que o Holocausto na Segunda Guerra Mundial não ocorreu e foi tudo uma invenção da mídia<sup>3</sup>; e que existe uma grande conspiração mundial para que as pessoas não saibam que a Terra é plana<sup>4</sup>. Todas essas informações foram adquiridas na segurança do meu quarto, lidas sem precisar sair da cama e podem ser compartilhadas com meus contatos usando somente meu dedo indicador. Este ritual matutino não é exclusividade minha ou da minha geração, ele está presente em grande parte dos lares brasileiros e do mundo.

Essa facilidade na obtenção, produção e principalmente na disseminação de conteúdo informacional tem gerado debates entre estudiosos, governo e sociedade em geral. Pensamentos fascistas, homofóbicos e racistas ganham espaço, não para estimular o diálogo, mas sim para propagar esse ódio. O atual momento que o país passa, com uma polarização de opiniões que se compartilham por meio das redes sociais, assim alcançando o maior número de pessoas possíveis preocupa, pois essas opiniões muitas vezes são travestidas como informações, passando uma falsa neutralidade e conseguindo ludibriar os mais desatentos leitores. Notícias, essas, que ganham nomenclatura de Notícias Falsas ou *FAKE NEWS*. No meio desse cenário encontra-se uma sociedade que não foi educada para atuar dentro das redes sociais, que são meros espectadores na formação e nas modificações da *Web*, que já foi 1.0, 2.0, 3.0 e está alcançando o status de 4.0. A falta de educação da sociedade perante esse momento e a facilidade de produção de notícias falsas e tendenciosas a fim de se alcançar um determinado objetivo, como ganhar uma eleição eleitoral ou até

---

<sup>1</sup> As informações a seguir citadas são notícias falsas veiculadas em sites na internet.

<sup>2</sup> Documento Digital: <http://www.libertar.in/2014/08/bill-gates-lucrando-e-matando-o-povo.html>

<sup>3</sup> Documento Digital: <http://verdade1945.blogspot.com.br/2007/10/grande-farsa-do-holocausto-judeu.html>

<sup>4</sup> Documento Digital: <http://www.ultimosacontecimentos.com.br/conhecendo-mais-sobre/terra-plana-a-mae-de-todas-as-ldquoteorias-da-conspiracaordquo.html>

mesmo arrebanhar fiéis religiosos para arrecadar fundos, podem ocasionar problemas tanto dentro quanto fora da web. Inserido nesse contexto está o bibliotecário, como profissional da informação, ele está capacitado para reconhecer fontes fidedignas de informação. Fontes estas que não estão somente no domínio desse profissional, mas sim no alcance de qualquer pessoa com acesso à internet.

Deste modo, o problema estipulado para a presente pesquisa é: enquanto mediadores da informação, quais as competências do bibliotecário no uso das fontes, para lidar com o fenômeno das *fake news* em ambientes virtuais? Além disso, este trabalho tem como objetivo geral verificar as competências dos bibliotecários como mediadores da informação, no uso das fontes, no panorama das *FAKE NEWS* em ambientes virtuais. E como objetivos específicos: identificar a ocorrência de *FAKE NEWS* dentro da *Web*; observar, por meio de fontes da web, as *FAKE NEWS* e as competências informacionais do bibliotecário como mediador da informação e analisar as competências do bibliotecário nesse cenário da Biblioteconomia.

Devido a estrutura do trabalho definida pelo autor a metodologia e o contexto do estudo será apresentado na introdução em um formato sem divisões em um texto linear. Então para Lüdke e André (1983), a pesquisa é uma etapa que representa um esforço entre pessoas, ideias e perante a realidade que a cercam, tudo isso para responder a indagações e saciar a curiosidade. E para isso é necessário ter uma metodologia que o ajude chegar o mais próximo do objetivo proposto, diante disso neste capítulo será apresentado os procedimentos metodológicos para execução deste trabalho.

Silva e Menezes (2005) trazem a metodologia como um guia, um mapa, que servirá de base para todo o desenrolar do trabalho, fazendo uma analogia com um cozinheiro que se prepara para realizar uma refeição e se assegura que não faltará nada para efetuar seu prato. As autoras (SILVA; MENEZES, 2005) também ressaltam que o “[...] processo não é totalmente controlável ou previsível [...]”, que escolher a metodologia é escolher uma direção a seguir, mas que algumas vezes, a fim de atingir os objetivos propostos, outros rumos terão de ser tomados.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi definido que esta será de natureza básica e de objetivo exploratório. Básica por se tratar de um trabalho introdutório sem a pretensão de aplicabilidade prevista em seu estudo. Gil (1994), traz a pesquisa básica como a busca para o desenvolvimento científico, sem a obrigação da aplicação prática do trabalho realizado. E de caráter exploratório, pois visa a busca de

informações, a fim de criar maior familiaridade com o estudo, podendo construir hipóteses durante a execução do mesmo. Segundo Gil (2008, p.27) a pesquisa exploratória tem como objetivo: “[...] desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Conforme o problema estipulado o trabalho tomou um rumo qualitativo para atender as demandas propostas. Com relação ao estudo qualitativo Diehl e Tatim (2004) o descrevem como uma abordagem que consegue retratar, compreender, identificar dificuldades e situações em uma sociedade, e assim promover uma mudança. Os autores (DIEHL; TATIM, 2004. p.52) também trazem pontos relevantes que caracterizam um estudo qualitativo:

Os dados são coletados preferencialmente nos contextos em que os fenômenos são construídos; A análise dos dados é desenvolvida, de preferência no decorrer do processo de levantamento deles; Os estudos apresentam-se em forma descritiva, com enfoque na compreensão e na interpretação à luz dos significados dos próprios sujeitos e de outras referências afins da literatura.

Triviños (1987, p.135) define que o pesquisador que opta por seguir esse tipo de estudo possui mais autonomia, tendo somente as estruturas de um trabalho científico como seu limitador, mas também faz uma ressalva: “[...] deve ter um estrutura coerente, consistente, originalidade e nível de objetivação capazes de merecer a aprovação dos cientistas num processo intersubjetivo de apreciação”. A fim de organizar o desenvolvimento, foi adotada a estrutura sugerida por Lüdke e André (1983) para realização de um trabalho acadêmico:

**1ª Fase:** Aberta ou Exploratória: surgimento das questões ou pontos críticos iniciais, que podem originar-se no exame da literatura pertinente, podem ser frutos de observações e depoimentos feitos por especialista sobre o problema, podem surgir de um contato inicial com a documentação existente e com as pessoas ligadas ao foco estudado ou podem ser derivados de especulações baseadas na experiência pessoal do pesquisador. Pretende não partir de uma visão predeterminada da realidade, mas apreender os aspectos com riscos e imprevistos que envolvem uma determinada situação, a fase exploratória se coloca como fundamental para uma definição mais precisa do objeto de estudo.

**2ª Fase: Coleta de dados:** Identificados os elementos-chave e os contornos aproximados do problema, pode-se proceder a coleta sistemática de informações, utilizando instrumentos mais ou menos

estruturados e técnicas mais ou menos variadas, sua escolha sendo determinada pelas características próprias do objeto estudado.

**3ª Fase: Análise Sistemática e a Elaboração do Relatório:** Necessidade de juntar a informação, analisá-la e torná-la disponível aos informantes para que manifestem suas reações sobre a relevância e a acuidade do que é relatado. São os “rascunhos” do relatório.

O método utilizado é o estudo de caso devido à natureza básica e o objetivo exploratório, com isso se enquadrando na metodologia sugerida. Também é um procedimento técnico que aborda vários fatores relevantes para execução do trabalho, como a busca de se retratar a realidade, os pontos de vistas que estão inseridos dentro um cenário social, além disso sua abordagem utiliza uma linguagem mais acessível em relação a outros estudos (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Denzin e Lincoln (2006, p.23) ressaltam a parte social e a proximidade do estudo e do pesquisador e também enfatiza que: “Aqueles que propõem esses estudos alegam que seu trabalho é feito a partir de um esquema livre de valores”.

O estudo de caso possibilita a análise de produção de materiais produzidos e disseminados na web, serve para auxiliar na identificação de pontos como as definições de *FAKE NEWS*, conceitos como mediação de informação e ética profissional do bibliotecário, entre outros. Com isso utilizando de documentos e cases retirados da Web, que serviram de embasamento para construção do texto.

Gil (2002, p.54) complementa, sobre o estudo de caso, que: “Seus resultados, de modo geral, são apresentados em aberto, ou seja, na condição de hipóteses, não de conclusões”. O autor (GIL, 2002) ainda observa quanto ao tempo para a execução de um estudo de caso: nos primórdios desse método, o tempo que os pesquisadores usavam para a realização era maior, mas destaca que atualmente já é comprovado, através de outros estudos que adotaram o estudo de caso, que em um período mais curto é possível efetuar o trabalho, e deixa em aberto para estudos posteriores a fim de ter resultados mais concretos.

O desenvolvimento deste trabalho se deu no levantamento bibliográfico e de documentos sobre o tema das *Fake News* em ambientes de redes sociais. Também foram realizadas análises de casos extraídos de notícias de veículos de comunicação em massa e matérias publicadas em páginas no Facebook. Esses serviram para

exemplificar pontos levantados no referencial teórico, e foram apresentados dentro do texto, assim facilitando a compreensão do leitor e criando uma relação com a narrativa.

A construção do trabalho se deu através do referencial teórico no qual foram apresentados *cases* que exemplificam o tema abordado. Essa narrativa foi adotada a fim de se obter mais linearidade no discurso, priorizando-se mais exemplos e iniciativas do que teoria. Assim, utilizando-se uma linguagem mais acessível e não tão acadêmica, trouxemos o leitor para perto da realidade apresentada.

## 2 UMA BREVE HISTÓRIA DA INTERNET

Quando um professor da Universidade da Califórnia mandou o primeiro email, em 1969, para um amigo na Universidade de Stanford, talvez ele não soubesse a dimensão que esse ato alçaria com o passar dos anos. Em 1958, financiada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, foi formada a *Advanced Research Projects Agency* (ARPA), a fim de investir em pesquisas dentro das universidades com o objetivo de superar a, hoje extinta, União Soviética em tecnologia (CASTELLS, 2003). Já em 1962, um dos departamentos da ARPA, mais especificamente o *Information Processing Techniques Office* (IPTO), desenvolve a ARPAnet - que pode ser considerada como a origem da internet como conhecemos atualmente. Castells (2003, p.14) explicita que a criação da ARPAnet se justifica como: “[...] uma maneira de permitir aos vários centros de computadores e grupos de pesquisa que trabalhavam para a agência compartilhar on-line tempo de computação”. O autor também reforça que o departamento tinha o objetivo de “estimular a pesquisa em computação interativa”. (CASTELLS, 2003, p.14).

Os historiadores Asa Briggs e Peter Burke (2004) mostram que a visão das universidades perante a NET (abreviatura de ARPAnet) é a de que ela deveria possibilitar o acesso livre, sem barreiras, e os responsáveis por este sistema se orgulhavam de terem criado uma rede que não era igual à de telefonia. “O Sistema de envio quebrava a informação em peças codificadas e o sistema receptor juntava-a novamente, depois de ter viajado até seu destino.”. (BRIGGS; BURKE, 2004, p.311). Esse sistema que utilizava o protocolo *Network Control Protocol* (NCP) foi o vigente do começo da ARPAnet até o final dos anos 70; então, se passou a utilizar o *Transmission Control Protocol/ Internet Protocol* (TCP/IP). A ARPAnet, agora chamada de ARPA-INTERNET, já funcionava desde 1975, dentro da *Defense Communication Agency* (DCA), mas só em 1983 após a criação da MILNET, que era de uso militar, a ARPA-INTERNET tornou-se exclusiva dos pesquisadores. (CASTELLS, 2003).

Em seu início, a principal atribuição da Internet era a troca de e-mails entre os pesquisadores e a *National Science Foundation* (NSF), sendo que em um relatório de 1974 já defendia a criação de um ambiente que poderia favorecer a colaboração e a aproximação destes cientistas que estavam separados geograficamente. (BRIGGS; BURKE, 2004). No começo dos anos 90, a ARPAnet é totalmente desligada e a

Internet, que já não é de domínio militar americano, é administrada pela NSF, que fica pouco tempo com a concessão. Durante os anos 80, o DCA começa a comercializar a tecnologia, custeando fabricantes de computadores e incluindo TCP/IP nos seus produtos. Então, na década de 90, a maioria dos computadores domésticos já tinha o protocolo TCP/IP em suas máquinas. E em 1995, a NSFnet é encerrada, abrindo espaço para a privatização da Internet. (CASTELLS, 2003).

Na mesma época em que se dá o declínio da ARPAnet, o programador inglês Timothy John Berners-Lee, transforma a Internet ao desenvolver a *World Wide Web* (WWW). Mesmo de fora do berço da internet nos EUA, uma vez que ele trabalhava na Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear CERN, localizado em Genebra na Suíça, Berners-Lee conseguiu desenvolver o programa Enquire. Com este programa era possível adicionar informações para qualquer computador conectado na Internet, através das linguagens HTTP, HTML e URI (CASTELLS, 2003; BRIGGS; BURKE, 2004; CURTY, 2008). Ou seja, o que Berners-Lee fez foi materializar (nesse caso virtualizar) o “Memex” - proposta idealizada por Vannevar Bush em artigo publicado em 1945 na revista *Atlantic Monthly* - o qual seria um aparelho que “teria capacidade de armazenar e acessar dados de maneira associativa, como em um projeto de automação da mente humana” (CURTY, 2008, p.54). Outros pesquisadores também idealizaram e até desenvolveram projetos que lembravam a ideia de Vannevar Bush, como é o caso Douglas Engelbart que projetou o *On-Line System* em 1968; em 1963 Ted Nelson publicou na *Computer Lib* a criação de um sistema chamado Xanadu, que funcionaria com hipertexto aberto e auto-evolutivo; e no começo dos anos 80, Bill Atkinson desenvolveu o sistema *HyperCard*, mas ninguém chegou tão longe quanto Tim Berners-Lee e sua WEB (CASTELLS, 2003). Assim a Internet, através da Web e dos computadores pessoais transformou profundamente o modelo de interação pessoal e principalmente o sistema informacional.

## 2.1 WEB

Alguns pesquisadores e historiadores acreditam que é difícil rotular/definir momentos históricos enquanto os fatos estão acontecendo e estamos vivendo-os. Castells (2016, p.440) argumenta: “[...] fenômeno social recente demais para que a pesquisa acadêmica tenha tido a oportunidade de chegar a conclusões sólidas sobre seu significado social”. Nos deparamos com esse desafio ao tratarmos da Internet

devido a velocidade com que ela foi criada e desenvolvida, ou seja, em menos de 50 anos, considerando-se a data de 1969 como o marco do seu nascimento, ela já se desenvolveu muito desde então, tornando-se mais acessível a uma parcela considerável da população (levando-se em conta principalmente os países ocidentais), desde que ela deixou de ser de uso exclusivo da academia e passou a ser considerada uma ferramenta indispensável no dia a dia da sociedade. Então, considerando-se essas limitações, nos adaptamos e internalizamos os termos já existentes para classificar a era da web e o seu desenvolvimento através das *WEBS*: 1.0, 2.0, 3.0 a 4.0.

Essa evolução das Webs não se deu com o declínio de uma para o surgimento da outra, houve um aprimoramento de cada uma delas a fim de coexistirem. Ou seja, passaram por várias etapas da 1.0, mais estática; à 2.0, mais interativa e participativa; à 3.0, mais intuitiva; chegando a 4.0 com maior mobilidade. Curty (2008) mostra que o termo *Web 2.0* surgiu em 2004 durante uma conferência no setor de comunicação, realizada pela *O'Reilly e Medial International*, em que o *Chief Executive Officer*, CEO, da O'Reilly, Tim O'Reilly, procurava um termo novo para diferenciar as novas ferramentas que a Web estava proporcionando e com isso adotou o termo 2.0, como uma alusão de um melhoramento ocorrido, como acontece com os programas para computador que recebem atualizações. Em 2005 O'Reilly publica o artigo *What Is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software*, no qual explica as diferenciações entre a *Web 1.0* e a 2.0. Ainda neste artigo, ele traz exemplos claros para diferenciação (Figura 1):

**Figura 1 - Diferenciação da Web 1.0 e Web 2.0**

Web 1.0		Web 2.0
DoubleClick	-->	Google AdSense
Ofoto	-->	Flickr
Akamai	-->	BitTorrent
mp3.com	-->	Napster
Britannica Online	-->	Wikipedia
personal websites	-->	blogging
evite	-->	upcoming.org and EVDB
domain name speculation	-->	search engine optimization
page views	-->	cost per click
screen scraping	-->	web services
publishing	-->	participation
content management systems	-->	wikis
directories (taxonomy)	-->	tagging ("folksonomy")
stickiness	-->	syndication

Fonte: Tim O'Reilly (2005)

Embora esses termos tenham sido incorporados pela sociedade, algumas pessoas não os acham relevantes para o desenvolvimento da *Web*, como é o caso do próprio criador da *Web*, Tim Barners-Lee, que justifica que a internet sempre buscou conectar pessoas e que *Web 2.0* é apenas a “evolução natural” da própria *Web* (CURTY, 2008). Mesmo sem a aprovação do pai da *Web*, o termo ganhou popularidade e se tornou um marco. Embora Tim Barners-Lee não concorde com o termo *Web 2.0*, a “evolução” desta para a *Web 3.0*, foi determinada por ele mesmo ao se referir a *Web* de Dados ou *Web Semântica* como a terceira fase da Internet. Segundo Catarino e Souza (2012):

*Web Semântica* foi criado para representar o projeto do *Word Wide Web Consortium (W3C)*, que pretende estruturar as páginas da *Web*, dando a elas significado, desenvolvendo um ambiente onde agentes de *software* possam criar sofisticadas tarefas para os usuários a partir de conteúdos de várias páginas e bases de dados da *Web*.

Em uma linguagem mais simples sobre a *Web Semântica*, ou *Web 3.0*, ela possibilitou uma organização mais adequada do material disponível na internet, com isso facilitando a recuperação mais eficiente de dados pelo usuário e também proporcionando uma maior interação entre os que nela navegam. Ou seja, essa *Web* possui um sistema que auxilia o usuário em suas buscas, é mais interativo e analisa o padrão de uso do indivíduo, obtendo respostas ou sugerindo aquelas que são mais adequadas ao seu perfil. Exemplo: considerando-se um usuário que sempre faz uma busca por notícias do partido X, tanto em seu buscador (Google) quanto nas redes sociais; a *Web 3.0* vai analisar esse padrão e vai priorizar as notícias do partido X, mostrando menos, ou até não mostrando, as notícias de outros partidos. Esse exemplo serve para notícias, produtos, pessoas, entre outros. Ou seja, para o funcionamento da *Web Semântica* foi desenvolvida uma arquitetura em camadas e uma destas é a *Ontology Vocabulary*, Ontologia vocabular, que controla a “[...] criação e a evolução de vocabulários que podem definir relações entre diferentes conceitos”. (CATARINO; BAPTISTA, 2008, p.35).

Atualmente, o debate em pauta é: em qual fase da *Web* vivemos: estamos na 4.0 ou ainda nos adaptando à 3.0? O “guru de tecnologia” Seth Godin, em entrevista à revista PC Magazine em 2007, descreve a *Web 4.0* como um lugar que possibilita relações mais estreitas entre seus amigos (contatos): “Se você perder um voo de avião e reservar um novo com seu telefone celular, ele automaticamente enviará

mensagens para os amigos que você estiver reunindo para o jantar, informando que se atrasará”. (GODIN, 2007) (tradução minha). Ao final da fala de Godin, o jornalista Metz, faz uma indagação: “As pessoas irão renunciar à sua privacidade em troca de tanta informação?”.

Assim, a internet modificou muito em pouco tempo, tornando-se mais democrática e dando voz a pessoas que nunca teriam acesso, pelas características da *Web 2.0*, que permitiu que qualquer um pudesse ter um espaço, na forma de vídeos, blogs, sites, ou frases curtas como no Twitter. E ela se tornou mais eficiente e rápida através da *Web 3.0*, propagando mais conteúdo em um tempo menor e contando com a importante ajuda das redes sociais nesse processo.

## 2.2 REDES SOCIAIS

As redes sociais são atualmente a principal forma de interação da sociedade na Internet. No entanto, Aguiar (2012,p.52) aponta que o termo já existia antes da Web: “[...] onde tivesse um grupo de pessoas interligadas por alguma relação em comum, podia-se considerar que ali havia uma rede social”. Recuero (2009, p.25) reforça essa característica: “É um grupo de pessoas, compreendido através de uma metáfora de estrutura, a estrutura de rede. Os nós da rede representam cada indivíduo e suas conexões, os laços sociais que compõem os grupos”.

Para Ciribeli e Paiva (2011) outro fator que desperta interesse, e também diferencia a interação virtual de outras interações, é o anonimato que a Web oferece, propiciando ao indivíduo a oportunidade de se relacionar e não se expor. Os autores reforçam que essa liberdade faz com que exista uma “entrega maior dos usuários”. Esses usuários, segundo Recuero (2011, p.25 ) são o elemento formador das redes sociais; ele os trata por atores: “[...] atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais (os nós)”. A autora também expõe que os atores podem ser representados de diferentes formas dentro das redes sociais, através do seu perfil no *Facebook* ou por uma conta no *Instagram*, porém ela ressalta algo muito relevante, que esses perfis não são os atores sociais em si, mas sim uma representação deles. “São espaços de interação, lugares de fala construídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade”. (RECUERO, 2011, p.25-26). Aguiar (2012, p.20) consegue resumir as principais ferramentas utilizadas dentro das redes sociais pelos atores:

As redes sociais, em geral, possuem ferramentas síncronas (chat) e assíncronas (fóruns, grupos, eventos, notas etc.); interface customizável; recursos como vídeos, fotos e imagens, e links para outras interfaces. Além disso possibilitam uma comunicação mais direta e informal, com trocas de informações entre os próprios usuários; a oportunidade de criar comunidades de interesse e perfis; a divulgação e o compartilhamento de informações, produtos e serviços, a exposição das conexões sociais de um indivíduo a outros de uma determinada comunidade e a participação e a colaboração do público nos processos e produtos.

Aguiar (2012) continua a sua narrativa listando algumas redes sociais, como *Facebook*, *Orkut*, *Youtube*, que ele trata como ferramentas. Devido à data de publicação deste trabalho *Whatsapp* e *Instagram* não constaram na lista de exemplos e, ainda, o *Orkut* estava em atividade. A empresa de marketing digital *We Are Social* junto com *Hootsuite*, publicou em 2018 a pesquisa *Digital in 2017 Global Overview*, que mostra o número de usuários das redes sociais em 2017, como pode ser verificada na Figura 2:

**Figura 2 - Uso da Internet pelos brasileiros**

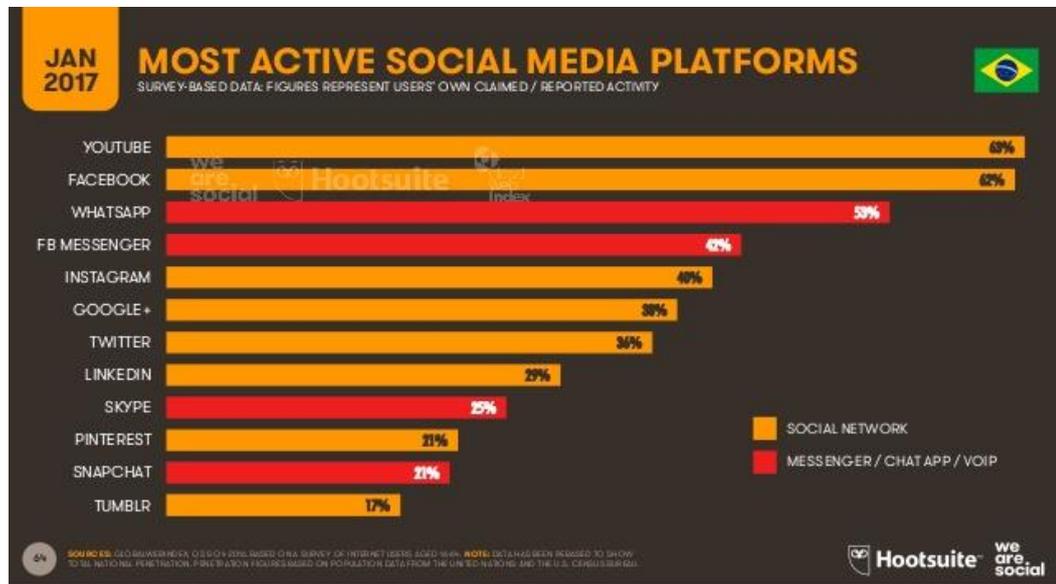


**Fonte: Digital in 2017 Global Overview**

É possível verificar, segundo esses dados, que mais da metade da população brasileira, 66% ou aproximadamente 139 milhões de pessoas, utiliza a internet. Destes, há 122 milhões de pessoas que utilizam as redes sociais (via qualquer forma de acesso) e, ainda, há 110 milhões de pessoas no Brasil que acessam as redes sociais via tecnologia móvel (celulares).

Outro dado que a pesquisa mapeou é qual a rede social mais utilizada pelos brasileiros, conforme ilustração na Figura 3:

**Figura 3 - Redes Sociais mais utilizadas pelos brasileiros**



Fonte: Digital in 2017 Global Overview

O *Youtube*, que pertence a Google, é a rede social mais utilizada pelos brasileiros e se trata de uma rede exclusiva de vídeos, na qual os usuários produzem o conteúdo. Entre as cinco primeiras redes sociais citadas (*Youtube, Facebook, Whatsapp, Messenger e Instagram*), somente o *Youtube* não pertence ao *Facebook*. Ainda, segundo a pesquisa referida, o Brasil é o país da América Latina no qual mais pessoas utilizam as redes sociais.

### 2.3 A INTERNET NO BRASIL

O começo da internet no Brasil se deu da mesma maneira que nos EUA, ou seja, contou com o incentivo financeiro do governo federal. Em 1981 foi estabelecida, através da Bitnet, uma parceria entre a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e o *Fermi National Accelerator Laboratory* (Fermilab) nos EUA. A primeira rede nacional foi a Rede Nacional de Pesquisa (RNP) inaugurada no começo da década de 90, pelo antigo Ministério da Ciência e Tecnologia. Somente em 1994, ainda com um caráter experimental, a internet começa a ser comercializada pela EMBRATEL e um ano após esse lançamento, o serviço se torna oficial e o

Ministério da Comunicações torna aberta a exploração comercial da Internet. Porém, somente em 1996 os portais e provedores começam a atuar no mercado a procura de usuários (ARRUDA, 2011).

Em 1995, durante o processo de estabilização e início da comercialização da Internet em território brasileiro, os Ministérios da Comunicação (MC) e da Ciência e Tecnologia (MCT) elaboraram uma nota afirmando a importância de se constituir um Comitê Gestor da Internet (CGI) no Brasil. Sendo assim, nesse mesmo ano foi criada uma Portaria para nomear os primeiros integrantes do Comitê. Porém, apenas em 2003, o Decreto Nº 4.829 que versa sobre a criação do CGI foi lançado:

O Comitê Gestor da Internet no Brasil tem a atribuição de estabelecer diretrizes estratégicas relacionadas ao uso e desenvolvimento da Internet no Brasil e diretrizes para a execução do registro de Nomes de Domínio, alocação de Endereço IP (Internet Protocol) e administração pertinente ao Domínio de Primeiro Nível “.br”. Também promove estudos e recomenda procedimentos para a segurança da Internet e propõe programas de pesquisa e desenvolvimento que permitam a manutenção do nível de qualidade técnica e inovação no uso da Internet. (CGI, ...).

Um dos momentos mais importantes da nova era da internet no Brasil ocorre com a sanção do Marco Civil da Internet pela ex-presidente Dilma Rousseff com a Lei Nº 12.965 de 23 de abril de 2014. O Artigo 1º: “estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da internet no Brasil e determina as diretrizes para atuação da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios em relação à matéria”. Já no Artigo 7º garante que “O acesso à internet é essencial ao exercício da cidadania”. (LEI Nº 12.965, de 23 de abril de 2014.). Ou seja, a internet no Brasil, considerando o início da sua comercialização em 1996, ainda é muito jovem tendo apenas 21 anos e, por isso, a sociedade ainda está aprendendo como lidar com todos seus recursos e funções.

### 3 FAKE NEWS

A mentira sempre existiu, seja em rodas de conversas, nos bares ou até na famosa conversa de pescador. Sempre em um tom descontraído, quase jocoso, o assunto se desenvolve a partir de fantasias e contos com baixa veracidade, a fim de distrair as pessoas que estejam envolvidas nessa conversa. O problema se inicia quando essas conversas ganham proporções maiores e assumem um papel que não é cabido à elas, o de verdade. Como é o caso da notícias falsas, ou o termo mais usual em inglês, *Fake News*, ou seja, fatos mentirosos travestidos como informações ou notícias abusam de uma linguagem jornalística para transmitir conteúdo de caráter falso como sendo verdadeiro. Rais (2017)<sup>5</sup> explicita que *Fake News*: “[...] não é uma novidade na sociedade, mas a escala em que pode ser produzida e difundida é que a eleva em nova categoria, poluindo e colocando em xeque todas as demais notícias [...]”. Araujo (2016, p.1) também reforça esta ideia: “[...] esse não é um problema novo. *Fake news* são tão antigas quanto os próprios meios para comunicação de massa”. A relevância do problema atualmente se dá devido a facilidade de criação e propagação delas, e isso em grande parte ocorre graças às redes sociais.

As redes sociais proporcionam autonomia de produção e disseminação de conteúdo, conectam com (muitas) pessoas e com isso aumentam o alcance entre elas. Conforme Araújo(2016) o problema não se encontra somente nas notícias falsas, mas na disseminação delas dentro e fora das redes.

O surgimento da internet proporcionou às pessoas a possibilidade de difundir as informações de forma mais rápida e mais interativa. Tal mudança criou novos canais e, ao mesmo tempo, uma pluralidade de novas informações circulando em grupos. Juntamente com essa complexificação, o aparecimento de ferramentas de publicação pessoal, tais como weblogs, fotologs e o mesmo o Youtube. (RECUERO, 2011, p. 116).

Os blogs/vlogs se tornaram ferramentas de trabalho para vários jornalistas, que por motivos diversos começaram a atuar nesse ambiente saindo da estrutura, talvez mais rígida, das redações. Com isso podiam ser seus próprios repórteres, editores,

---

<sup>5</sup> Documento eletrônico.

diagramadores, revisores de conteúdo, e assim contavam com um só filtro - o do próprio jornalista. Assim como esse profissional da comunicação que encontrou um espaço dentro da *Web*, outras pessoas também acharam o seu espaço, voz e principalmente “audiência”. Assim, sem filtros ou moderadores qualquer pessoa pode publicar o que lhe convém.

O filósofo italiano Nuccio Ordine (PRIKLADNICKI, 2017) comentou para o jornal Zero Hora, de 11 de novembro de 2017, sobre a facilidade de se publicar algo dentro das redes sociais: “[...] se eu quiser escrever em seu jornal, tenho que passar por um filtro, porque há um redator e um editor que selecionam a notícia e a verificam. Na internet, posso abrir um site e dizer que as vacinas matam. Isso é muito perigoso.”

Segundo o artigo “*The spread of true and false news online*”, publicado na revista norte-americana *Science*, as notícias falsas se propagam mais rápido que as verdadeiras. A pesquisa desenvolvida no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) analisou, durante o período de 2006 a 2017, 126 mil histórias feitas por três milhões de usuários dentro do Twitter. Os pesquisadores dividiram essas histórias entre verdadeiras e falsas e perceberam que as histórias falsas ganharam maior número de “*retuites*” que as histórias verdadeiras. Eles apontam que esse compartilhamento pode ser até 70% maior que das histórias verdadeiras. Segundo Vosoughi, Roy e Aral (2018)<sup>6</sup> a falsidade difundiu-se significativamente mais, mais depressa, mais profundamente e mais amplamente do que a verdade em todas as categorias de informação. ( Tradução minha).

Durante as eleições americanas de 2016, o site *BuzzFeedNews* fez uma análise das notícias de alguns jornais renomados como *The New York Times*, *Washington Post*, *Huffington Post* e NBC e de notícias produzidas por blogs de partidos e simpatizantes partidários. Foram acompanhadas 20 notícias da mídia tradicional e 20 dos veículos independentes dentro do Facebook e ao final foi verificado que os blogs tiveram 8,7 milhões de compartilhamentos enquanto as notícias produzidas pelos veículos de comunicação foram compartilhadas 7,3 milhões de vezes no Facebook, ou seja, as primeiras tiveram um compartilhamento maior e, conseqüentemente, um alcance maior. No Brasil, a *BuzzFeedNews* realizou a mesma pesquisa mas a partir de outro tema: a Operação Lava Jato. Assim, foram escolhidas 20 notícias sendo 10 provenientes de veículos de comunicação como Folha de São

---

<sup>6</sup> Documento eletrônico.

Paulo, G1, Carta Capital, UOL e Época e 10 provenientes de blogs. O número de notícias produzidas por blogs recebeu 3,8 milhões de compartilhamentos enquanto as notícias feitas pelos veículos de comunicação citados ganharam 2,7 milhões de compartilhamentos dentro do Facebook.

Embora não tenha caráter científico, o levantamento realizado pelo *BuzzFeed* permite fazer uma reflexão: as fontes de informação que não possuem critérios ou filtros para a confecção de notícias são exatamente as que têm recebido mais audiência, e até mais importância em nossa sociedade, sendo que essa facilidade na produção de conteúdo tem se tornado um atrativo financeiro para pessoas com as mais diferentes intenções e fins.

A internet se tornou fonte de renda para várias pessoas. Tanto o micro-empresário como as grandes empresas multinacionais utilizam as redes sociais para divulgar seus produtos. As vendas online, ou o chamado *e-commerce*, também ganharam espaço e arrebataram novos clientes, com isso rompendo com as barreiras geográficas e com o limite de uma loja física. Os produtores de conteúdo também foram beneficiados com a invenção da Web 2.0, produzindo material para blogs e canais do *Youtube* e vinculando propagandas em suas matérias. Mas assim como existem pessoas que se preocupam com a veracidade da informação que irão divulgar, e querem produzir conteúdo de boa qualidade; existem outras que só se preocupam com o número de acessos que terão, a fim de obter mais dinheiro e não se importando com as consequências que possam surgir após a publicação de seu material tendencioso.

### 3.1 MONETIZAÇÃO DA MENTIRA

Atualmente a mentira, na forma de *Fake News*, se tornou lucrativa e até mesmo um emprego remunerado, como exemplo, a cidade de Veles pode ter revelado a facilidade para se lucrar assim. A repórter da BBC, Emma Jane Kirby, publicou uma matéria em 5 de dezembro de 2016: *The city getting rich from fake news* (A cidade que enriqueceu com as *Fake News*, tradução do autor), revela o fluxo de notícias produzidas em Veles e que foi utilizada nas eleições americanas de 2016. “Boa parte dos sites de notícias falsas que pipocaram durante as eleições americanas foram criados em uma pequena cidade na Macedônia onde adolescentes publicam histórias sensacionalistas para ganhar dinheiro com publicidade”. (KIRBY, 2016).

O programa da televisão “Que mundo é este?” do canal GloboNews, produziu um micro documentário sobre os Veles Boys - os produtores de *Fake News* dessa região. Entrevistaram rapazes que fazem parte deste grupo e mostraram como se desenvolveu essa produção de notícias tendenciosas. Segundo FRAN (2016)<sup>7</sup>, Veles era um ambiente propício para isso: uma cidade com alta taxa de desemprego entre os jovens, que encontraram através da publicidade em sites, uma forma de ganhar dinheiro. “[...]Christian (nome fictício usado para proteger a identidade do rapaz) – sozinho – *embolsou* uma média de 20 mil euros por mês durante a campanha eleitoral dos Estados Unidos”. (FRAN, 2016). Christian completa falando: “É claro que eu ganhei dinheiro publicando notícias falsas, mas o *Google* ganhou mais”. (FRAN, 2016). Ao falar que a “Google ganhou mais” ele está se referindo à ferramenta *Google AdSense*.

A *Google AdSense*<sup>8</sup> é uma ferramenta que permite que qualquer pessoa, que esteja usando umas de suas redes, vincule propagandas em seus canais. Quanto maior o número de pessoas que utilizar seu site, ou redes sociais, e clicar nos links patrocinados, mais dinheiro você ganha. As empresas que estão anunciando pagam um valor ao Google, o qual repassa uma parte para o mantenedor do site/redes sociais. Isto contribuiu para tornar lucrativo o negócio de notícias falsas, a partir de um baixo investimento necessário e um retorno garantido. Como foi o caso dos Veles Boys, que se aproveitaram de um momento e um grupo de pessoas específicos:

Os americanos são estúpidos. Acreditam em tudo. Os que apoiam Trump então...mais ainda”. O macedônio conta que ele e seus amigos testaram o posicionamento político que rendia mais cliques na internet: “Hillary não. Bernie Sanders também não. Trump vingou”. E assim surgiram postagens, por exemplo, como a que diz que o Papa Francisco apoiou o republicano na disputa eleitoral. (FRAN, 2016).

As Fake News produzidas pelos Veles Boys ganharam espaço no grupo apoiador do Donald Trump, na época candidato, pois elas vinham ao encontro da sua crença, mesmo após se mostrar que os fatos não eram verídicos, ainda assim elas se espalharam. Esse foi um dos fatores que fez o termo Pós-Verdade ganhar destaque no ano de 2016 e ser eleito a palavra do ano pelo Dicionário de Oxford, que darei continuidade na próxima Seção.

---

<sup>7</sup> Documento eletrônico.

<sup>8</sup> Informações retiradas da <https://www.google.com.br/adsense/start/how-it-works/#/>

### 3.2 PÓS-VERDADE

O Dicionário Oxford, em 2016, definiu o verbete Pós-Verdade como um adjetivo que significa: “[...] relacionando ou denotando circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e crença pessoal.” O Dicionário ainda faz uma ressalva sobre a utilização do termo, pois embora tenha ganhado destaque apenas em 2016, a primeira vez que foi utilizado, foi em 1992 por Steve Tesich. O dramaturgo sérvio-americano escreveu um artigo para a revista *The Nation* sobre os escândalos do caso Irã–Contras e a Guerra do Golfo, ressaltando que as pessoas livres, decidem livremente que querem viver em um mundo de pós-verdade. (DICIONÁRIO OXFORD, 2016). Em 2016, o termo voltou a ser utilizado devido à disseminação de FAKE NEWS durante as eleições americanas e a saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit). Devido a esse viés político, Monteiro Filho (2016, p.13), sugere a existência de uma pós-verdade política:

[...] parte do processo de disseminação acelerada/amplificada de dados gerados em Tecnologias de Informação/Comunicação - TICs, diante da rápida divulgação, em que é inevitável que surjam infundas versões sobre fatos, o que seria importante/relevante se eliminasse absurdos das dicotomias, porém as verificações cada vez mais complexas, diversas, diversificadas... geraram essa face obscura, “policotômica”/“multicotômica” do lado B, o *dark side* de realidades; dessa maneira, especialistas em informações enviesadas/distorcidas/boatos/fofocas...(spindoctors - produtores de factoides) aproveitam-se de incertezas/inseguranças provocadas na quebra de dicotomias a criar pós-verdades, novas verdades, pseudoverdades, meias verdades... apoiadas em indícios /convicções, já que fatos tornaram-se híbridos/complexos à verificação.

Esses ambientes, que as redes sociais proporcionam, são ricos em opiniões e facilitam a propagação de Fake News pois estamos presos em “bolhas”, geradas pelos algoritmos que faz com que as pessoas recebam somente o conteúdo que compactua com suas ideias. Ambientes assim conseguem ter um alcance longo e gerar consequências sérias, dentro e fora das redes sociais. No entanto, neste cenário surge a barbárie da mentira.

### 3.3 A BARBÁRIE DA MENTIRA

A barbárie, segundo o dicionário Michaelis (2001), é a condição de cruel selvageria, coletivo para bárbaros. A palavra bárbaros se originou dos povos que invadiram o império romano no século III e que foram conhecidos pela sua violência e também por não falarem grego ou latim. Essa definição extraída do dicionário pode ser usada como uma analogia para as interações informacionais que ocorrem dentro das redes sociais. A Web pode ser considerada como um espaço aglutinador de pensamentos, em que todos encontram espaço para reproduzir suas ideias, suas crenças, suas próprias verdades, como em um grande monólogo com várias pessoas no qual prevalece quem conseguir alcançar o maior número de usuários/seguidores possíveis. As redes sociais permitem que esse novo bárbaro, protegido por avatares *online*, utilize as redes sociais para implantar o medo e propagar o ódio. Os bárbaros antigos não falavam as línguas das sociedades dominantes da época e os bárbaros modernos falam todas as línguas possíveis com a ajuda de tradutores *online*, porém só aceitam o que lhes convém (pós-verdade). Esse comportamento é exemplificado pelos casos apresentados na continuação deste trabalho.

Em 2014, a dona de casa Fabiane de Maria de Jesus, de 33 anos, foi tirada à força de sua casa, no Guarujá, litoral paulista, por um grupo de moradores. Em um vídeo, que ainda é possível localizar na internet, a turba enfurecida grita improperios enquanto Fabiane, com as mãos amarradas e o rosto cheio de hematomas não consegue se defender. Também é possível ver as pessoas registrando o momento em seus aparelhos celulares. Dois dias após o linchamento, Fabiane de Maria de Jesus morreu. Mas qual foi o motivo que desencadeou tanta ira e revolta desse grupo de pessoas?

Segundo matéria do portal G1 (2014), tudo começou com uma postagem em uma página no *Facebook* chamada Guarujá Alerta<sup>9</sup> que publicou um retrato falado de uma mulher, o qual era atribuído a uma mulher da região que sequestrava crianças para uso de magia negra. (Figura 4).

---

<sup>9</sup> A página não está mais funcionando

**Figura 4 - Retrato Falado**



Fonte: Foto Istoé, 2014

Nesta imagem vemos a esquerda a foto de Fabiane de Maria de Jesus e à direita o retrato falado. Esta imagem foi confeccionada por policiais da 21ª DP (Bonsucesso) em agosto de 2012, para identificar uma mulher acusada de tentar roubar um bebê do colo da mãe em uma rua de Ramos, na Zona Norte do Rio. No entanto, algumas pessoas tiveram acesso a esta imagem e assim a associaram com a notícia falsa de que alguém no Guarujá praticava magia negra com crianças. E isto foi o gatilho para que os “cidadãos de bem” fizessem justiça com suas próprias mãos.

Conforme o G1 (2014) há vídeos publicados junto com a matéria em que é possível ver a população agredindo Fabiane e filmando a cena, mas não havia ninguém a defendendo. Mesmo quando a polícia chega no local e retira o corpo da moça de lá, ainda é possível escutar alguns xingamentos. O “boato”, como definiram as matérias dos jornais, foi criado dentro de uma rede social mas teve origem a partir de fatos reais - como é o caso do retrato falado, que foi totalmente retirado do contexto e encadeou uma série de acontecimentos violentos que culminaram com o óbito de uma pessoa.

A página: “O lado obscuro das vacinas: São Realmente Seguras?” é um outro exemplo de manipulação realizada através de Fake News por meio das redes sociais. Esta página conta com 10.072 pessoas inscritas<sup>10</sup> e é utilizada para compartilhar informações sobre os malefícios da vacinação, os integrantes publicam “dicas” para se ter um corpo saudável e mostram casos em que as vacinas não tiveram os efeitos

<sup>10</sup> Até a data do dia 17/04/2018

esperados. Entre as publicações estão notícias como essas, exemplificado nas Figuras 5 e 6:

**Figura 5 - Manchete sobre vacinação**



Fonte: Curas Naturais

**Figura 6 - Capa Noticias Naturais**



Fonte: Notícias Naturais

Como é possível perceber a página está bastante carregada de propagandas e traz matérias que não apresentam autoria definida, contendo expressões vagas como “Um estudo” - porém sem revelar qual estudo, autor ou data de publicação, apenas citam o nome de uma revista que de fato existe. Também, utilizam palavras e opiniões inadequadas uma vez que não pautam seus argumentos em estudos com evidências científicas comprovadas. Podem ser encontradas no grupo outros tipos de publicações em que a fala de uma pessoa pública é distorcida e atribuída a ela como verdadeira. Segue o exemplo na Figura 7:

**Figura 7 - O lado obscuro das vacinas**



Fonte: <https://goo.gl/9mNoyf> (6 dez. 2017)

Na imagem, Christine Lagarde, presidente do Fundo Monetário Internacional (FMI) aparece dizendo que os idosos estão vivendo muito e isso seria um risco para a economia global. Considero significativo, transcrever, literalmente, o texto registrado ao lado, da foto da Figura 6: *Nos dias de hoje e no futuro imediato qualquer pessoa especialmente se são idosos em quanto ponem um pendentro de um posto de saude são empujados a se vacinar de qualquer coisa! Não importa o que! Muitos de nós já sabemos o motivo porque estamos em isto faz muitos anos. Mas para quem ainda se perguntem porque as autoridades mundiais permitem que se empujem as vacinas sabendo dos riscos mas ignorando eles, vocês tem que ver outras noticias e relacionar todo.*

Com erros gramaticais e algumas palavras misturadas - no que parece ser - português e espanhol, o autor revela de uma maneira profética que há vários motivos para não se vacinar, mas não deixa explícito quais seriam eles, apenas reforça que a frase realmente foi dita pela presidente do FMI e orienta os seguidores: *“vocês pensem racionem de cheguem a suas cloncluoos”*. Infelizmente, os reflexos de grupos como esse podem ser vistos nas manchetes de veículos de comunicação mais confiáveis: *“Vacinação em queda no Brasil preocupa autoridades por risco de surtos e epidemias de doenças fatais”* (BBC Brasil, 2017) - esta matéria também foi publicada no portal G1 e no Jornal Folha de São Paulo.

A matéria produzida pela BBC Brasil utilizou informações cedidas pelo Programa Nacional de Imunização (PNI) do Ministério da Saúde e revelou dados sobre a vacina contra a poliomielite, doença erradicada na década de 90 e que, na ocasião da matéria, havia tido a menor taxa de vacinação nos últimos 12 anos. Carla Domingues, coordenadora do PNI, em entrevista para a reportagem da BBC Brasil revelou que os Movimentos Anti-Vacinação dentro do Brasil já chamam atenção do governo.

Os dois exemplos citados acima envolvem risco de vida - em um deles houve uma morte e o outro pode levar a futuros óbitos. Também, têm em comum o fato de terem se originado a partir de *fake news* e o meio, através do qual elas se propagaram, foi o *Facebook*. O porta-voz e criador do Facebook Mark Zuckerberg anunciou, em abril de 2017, a implementação da ferramenta *Tips for Spotting False News* (Dicas para Detectar Notícias Falsas) a fim de auxiliar os usuários desta rede social a identificarem notícias falsas compartilhadas dentro dela; e, ainda, as páginas que compartilham Fake News estão sendo apagados do Facebook. Essas ações estão sendo tomadas após a pressão de grupos de *Fact-checking* e pesquisadores de universidades que viram nessas medidas uma solução para reduzir os avanços da propagação de notícias falsas nas redes.

### 3.4 MEDIDAS CONTRA A FAKE NEWS

O *Fact-checking*, ou Verificando os Fatos, consiste no ato de verificar as informações de alguma matéria. Segundo Fonseca (2017) o *Fact-Checking* é: “[...] uma checagem de fatos, isto é, um confronto de histórias com dados, pesquisas e registros. Se um político jura que nunca foi acusado de corrupção, há registros judiciais que irão atestar se é verdade”. O movimento é utilizado dentro de empresas de comunicação, principalmente por jornalistas, que a fim de manter a integridade e veracidade de suas matérias analisam suas informações em fontes que julgam confiáveis.

No começo da década de 90, o jornalista americano Brooks Jackson fundou um grupo dentro da CNN para analisar as propagandas políticas na eleição entre George Bush e Bill Clinton. Em 2003, Jackson em uma parceria com a Universidade da Pensilvânia e com o Annenberg Public Policy Center fundou a primeira agência de

checagem independente (independente pois não pertencia a nenhum veículo de comunicação) a FactCheck.org<sup>11</sup> (LUPA, 2015).

Já no Brasil, a Lupa se destaca como a primeira agência checadora de notícias, fazendo parte de um grupo internacional de checadores - membro verificador da *International Fact-Checking Network* (IFCN), e está atuando desde 2015 (LUPA, 2017) vinculada a revista Piauí, pertencente ao jornal Folha de São Paulo. A professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) Pollyana Ferrari Teixeira<sup>12</sup> em entrevista para o jornal Folha de São Paulo (2018) afirma que no Brasil existem somente três agências checadoras (LUPA, AOSFATOS, PUBLICA), mas que nem três mil agências conseguiriam resolver o problema de Fake News no país. Além das agências de *Fact-Checking*, outras medidas voltadas para a educação populacional também estão sendo tomadas visando reduzir o problema da disseminação das *Fake News*, como por exemplo, a cartilha com sugestões lançadas pelo Conselho da Europa em outubro de 2017.

### 3.4.1 Conselho da Europa

O Conselho da Europa (COE) foi fundado em 1949 e tem como valores a liberdade de expressão; a liberdade de imprensa; a liberdade de reunião; a igualdade e a proteção das minorias (Conselho da Europa, [?]). Entre suas várias bandeiras figuram o combate às informações tendenciosas e às intolerâncias de gênero, raça ou credo dentro da Web. Para isso o COE lançou o relatório “Information Disorder: Toward an Interdisciplinary Framework for research and policy making” durante o *Internet Governance Forum*, que ocorreu em Genebra em dezembro de 2017. O relatório, elaborado pelos pesquisadores Claire Wardles e Hossein Derakhshan, tem como objetivo desenvolver ferramentas para facilitar o combate às *Fake News*. Alguns pontos relevantes apresentados na cartilha:

O COE classificou as *Fake News* como uma desordem informacional (*Information Disorder*) as dividiu em três categorias: (Quadro 1).

---

<sup>11</sup> <https://www.factcheck.org/#>

<sup>12</sup> Pollyana Ferrari é autora do livro *Como Sair das Bolhas*.

**Quadro 1 - Classificação da Desinformação**

<b>Mis-information</b>	<b>Dis-information</b>	<b>Mal-information</b>
Informações falsas criadas sem o objetivo de causar danos.	Informações falsas e criadas deliberadamente para prejudicar uma pessoa, grupo social, organização ou país.	Informações baseadas em fatos reais, que tem por objetivo causar danos para uma pessoa, grupo social, organização ou país.

Fonte: COE, 2017. (Tradução minha)

O relatório elaborou 34 diretrizes direcionadas às empresas de tecnologia, governos nacionais, organizações de mídia, sociedade civil, ministérios de educação e órgãos de financiamento, a fim de criar uma estrutura contra a propagação de notícias falsas. Para o desenvolvimento deste trabalho, destaca-se somente as diretrizes desenvolvidas para a Sociedade Civil e para o Ministério da Educação: (Quadros 2 e 3).

**Quadro 2 - Possibilidades da Sociedade Civil**

<b>O que a sociedade civil poderia fazer?</b>	
<b>1. Educação sobre a ameaça do distúrbio da informação;</b>	<b>2. Agir como corretores de honestidade (Fact- Checking).</b>
Há a necessidade de se educar as pessoas a respeito das técnicas persuasivas usadas por aqueles que disseminam informações erradas; bem como, a necessidade de se educar as pessoas sobre os riscos das fake news, que geram desconfiança em fontes oficiais e dividem partidos políticos, religiões, etnias e classes.	Grupos sem fins lucrativos e independentes podem atuar como “checadores de veracidade”, reunindo diferentes sujeitos na luta contra a disseminação de notícias falsas, incluindo empresas de tecnologia, redações, institutos de pesquisa e governos.

Fonte:COE, 2017. (Tradução Minha)

**Quadro 3 - Possibilidades dos Ministérios:**

<b>O que os ministérios da educação poderiam fazer?</b>		
1. Trabalhar internacionalmente para criar um currículo padronizado de alfabetização de notícias	2. Trabalhar junto a bibliotecas	3. Atualizar os currículos dos cursos de jornalismo
O currículo deve ser para todas as idades a fim de educar para uma avaliação crítica de fontes de informação. As pessoas devem ser capacitadas para avaliar a influência das emoções no pensamento crítico e implicações de algoritmos e inteligência artificial.	As bibliotecas são uma das poucas instituições em que as pessoas ainda confiam e, para aquelas que não estão mais estudando, ainda é um recurso essencial para ensinar as competências necessárias para navegar no ecossistema digital. Precisamos garantir que as comunidades possam acessar notícias <i>on-line</i> e <i>off-line</i> e materiais de alfabetização digital por meio de suas bibliotecas locais.	Garantir que os cursos de jornalismo ensinem técnicas de monitoramento computacional e verificação forense para encontrar e autenticar o conteúdo que circula nas redes sociais.

**Fonte: COE, 2017. (Tradução Minha)**

As medidas com foco na educação são as que levam mais tempo para gerar resultados, mas são as que podem trazê-los de forma mais justa e duradoura. Vosoughi, Roy e Aral (2018) ressaltam em seu artigo que as pessoas que compartilham as notícias falsas também são parte do problema, não basta culpar somente os algoritmos ou os sistemas, faz-se necessário educar a sociedade para que esta saiba conviver de modo salutar nos ambientes virtuais. Medidas mais concretas nessa área de educação já estão sendo tomadas, como, por exemplo, com os cursos oferecidos por agência checadoras. Também teóricos da área desenvolvem mecanismos para reconhecimento da desinformação.

No artigo “Impacto da pós-verdade em fontes da informação para a saúde” Silva, Luce e Silva Filho (2017) desenvolveram uma tabela de critérios de avaliação da veracidade de uma notícia a partir do cruzamento de dados provenientes de fontes dos seguintes pesquisadores: Oliveira et al. (2014); Tomaél et al.(2001, 2004); Cunha (2010); Cendón (2000); Rezende (2016), Moretti, Oliveira e Silva (2012); National

Institutes of Health (2011); Lopes (2004); Pellizzon, Población e Goldenberg (2003); Silva (2013); Oliveira (2013); United States Food & Drug Administration (2016); Agency for Health Care Policy and Research (1999); Medical Library Association (2015). Os critérios que se repetiram nessas fontes foram apresentados no Quadro 4, a seguir:

**Quadro 4 - Critérios para Avaliação**

<b>Autoridade</b>	Verificar: se existe clareza na existência de uma instituição responsável por essas informações; se há link da página que ofereça informações como missão e visão dessa instituição e quais são as pessoas envolvidas. Quanto à legitimidade, verificar se a empresa existe num lugar físico onde possa ser feita uma verificação <i>in loco</i> .
<b>Confiabilidade do Autor</b>	Analisar se podemos identificar facilmente quem escreveu a informação; se os dados inseridos no sítio apresentam um conhecimento e certa segurança; analisar a quantidade de erros gramaticais ou de digitação; verificar se a página está sendo atualizada e se temos como verificar a qualificação técnica do autor.
<b>Cobertura</b>	Refere-se à profundidade de abordagem do conteúdo referenciando aspectos como amplitude, exatidão, completude e se o conteúdo é genérico ou específico;
<b>Imparcialidade dos dados</b>	A imparcialidade dos dados está bastante ligada a neutralidade da informação: verificando-se sua integridade, e caso haja alguma dúvida devemos tomar certo cuidado pois, poderá não ser uma boa fonte informacional por misturar a propaganda e o conteúdo
<b>Propósito</b>	Refere-se à motivação dos autores na criação da fonte e compreende a especificação clara de objetivos e tendências;
<b>Organização</b>	Refere-se à interface amigável e possibilidade de acesso em níveis diferenciados (simples, intermediário, avançado)
<b>Suporte</b>	Refere-se ao apoio ao usuário na solução de problemas e à resposta às perguntas que surgem enquanto a fonte é usada, compreendendo também links de ajuda;
<b>Design</b>	Refere-se a atributos como nitidez, tamanho da fonte, identificação clara de imagens, facilidade de uso, originalidade de sons e imagens e estabilidade de layout;
<b>Navegabilidade</b>	Refere-se à facilidade de uso de usuários dentro e fora da fonte;
<b>Acessibilidade</b>	Refere-se à oferta de tecnologia assistiva que auxilie pessoas portadoras de deficiência no uso das fontes, bem como opções de consulta em outros idiomas;

<b>Interatividade</b>	Inclui mecanismos de <i>feedback</i> e meios para troca de informações/interação entre os usuários;
<b>Links</b>	Avaliados de acordo com a seleção, arquitetura, conteúdo e vínculos de volta.
<b>Atualidade</b>	A internet aumentou a rapidez com que as notícias se espalham e é bastante relevante saber quando foram atualizadas. Nem sempre a data de atualização estará sendo mostrada, então vai depender do leitor buscar essa informação, que pode estar no código-fonte da página da web.
<b>Advertências</b>	Esclarecimento de se a função do site é comercializar produtos e serviços ou é o site é um fornecedor de conteúdo primário de informações.

Fonte: Silva, Luce, Silva Filho (2018)

Outros pontos relevantes a serem analisados são: o discurso, a narrativa do texto e os termos empregados. A diretora da agência LUPA de checagem, Cristina Tardáguila (2018), em palestra realizada pelo TED na cidade de Petrópolis, falou que para checar as notícias ela se mantém em uma eterna dúvida, de tudo. Para encerrar, ela mostrou pontos dentro do texto que são importantes de se questionar ao ler uma notícia (no exemplo foram usadas notícias relacionadas à política): (Quadro 5):

#### Quadro 5 - Quesitos a serem questionados

1º Sem fontes	Falas de políticos em que não são apresentadas as fontes;
2º “A causa B”	Sua ação pode causar a reação ( Ex: Se votarem em mim, trarei saúde...);
3º Números absolutos/ Números relativos	Números em porcentagem (Ex: A economia cresceu 100% - mas se foi de um para dois, ainda continua um número baixo);
4º Dados em mutação	Ex: Dados sobre saúde e educação, que mudam a todo instante;
5º “Maior do mundo”	Frases de efeito para exaltar algo (Ex: Vamos fazer a Melhor educação do mundo aqui... Quais as chances dele ter visto a educação de todos os países do mundo para afirmar que fará a melhor educação dentre todas existentes?);

6º Conceitos Amplos	Informações vagas, sem parâmetros (Ex: Estamos enfrentando a maior crise! “Mas que crise: financeira, educacional...? E é a maior desde 1500?”);
7º Comparações justas	Usar exemplos que possam de fato ser comparados de modo coerente (Ex: A média de pessoas que surfa em Goiás é menor que a média de pessoas que surfa em Santa Catarina).

Fonte: Tardáguila, 2018.

Os critérios de avaliação são extensos e alguns podem até estar defasados em relação a sofisticação das Fake News, que a cada dia estão mais articuladas e com maior capacidade de ludibriar os usuários devido aos avanços da tecnologia, que permitem a manipulação de imagens e som, sem nem mesmo precisar gravar uma pessoa para isto. A Deep Fake News pode ser considerada a evolução das Fake News.

### 3.4.2 Deep Fake News

Em artigo publicado na revista *Lawfare* em fevereiro de 2018, pelos professores especialistas em crimes na internet - Bobby Chesney da Universidade do Texas e Danielle Citron da Universidade de Maryland - eles apontam uma nova evolução nas *Fake News*: a *Deep Fake News*. O termo tem origem em Fake News e Deep Fake, sendo que o primeiro ganhou grande visibilidade nos últimos anos e o segundo ainda não ganhou tanto espaço na grande mídia ou em pesquisas nas universidades, mas já traz preocupação. Segundo Chesney e Citron (2018, tradução do autor) as Deep Fake são: [...] algoritmos de aprendizado de máquina (geralmente do tipo redes neurais) combinados com software de mapeamento facial que permitem a fabricação barata e fácil de conteúdo que seqüestra a identidade - voz, rosto, corpo”.

A Deep Fake ganhou atenção do público ao ser apresentada no artigo *We Are Truly Fucked: Everyone Is Making AI-Generated Fake Porn Now*, em que a jornalista americana Samantha Cole conta como descobriu uma comunidade chamada *DeepFake* dentro da rede social *Rabbit*<sup>13</sup>. Lá ela descobriu alguns vídeos

<sup>13</sup> Uma rede social, onde as pessoas avaliam assunto e assim vão ficando no topo. Seria como listas, o usuário compartilha um determinado assunto e assim vão ganhando curtidas ou “descurtidas”, assim se mantendo no topo da lista. O Rabbit é dividido por comunidades de assunto específico.

pornográficos nos quais rostos de celebridades são misturadas com cenas de filmes pornô. Nesse espaço, além dos vídeos pornográficos, os usuários trocavam informações sobre como melhor editar os vídeos e até mesmo citavam um aplicativo desenvolvido para facilitar esse tipo de edição. Em entrevista para Cole (2018), o inventor do aplicativo revela: “Deepfakeapp<sup>14</sup> - disse no Reddit em uma mensagem direta - que seu objetivo ao criar o FakeApp era disponibilizar a tecnologia dos deepfakes para pessoas sem formação técnica ou experiência em programação”.

Esse tipo de tecnologia não é algo novo, a indústria do cinema inclusive a utiliza em várias ocasiões como, por exemplo, para refazer uma cena com um ator que morreu no decorrer da filmagem. Porém, o que preocupa é a popularização e a facilidade do acesso a esse tipo de tecnologia, que faz todos “virarem produtores” e pior, faz com que todos possam ser um alvo. (Chesney; Citron, 2018; Cole, 2018).

---

<sup>14</sup> O nome usado pelo usuário que inventou o aplicativo.

## 4 INFORMAÇÃO

Vivemos na Era da Informação e do Conhecimento e recebemos um grande volume de informação graças às TICs. Segundo Capurro e Hjørland (2007) embora a transmissão de conhecimento através da comunicação seja algo antigo, foi somente após a Segunda Guerra, e com o desenvolvimento das tecnologias da informação, que a troca de conhecimento assumiu um papel de destaque no cotidiano da sociedade, e assim foi nascendo a alcunha de “sociedade da informação”. A informação possui várias interpretações como: Matemática de Shannon, Documentalista de Otlet, Cognitivas de Piaget, Análise de Domínio de Vygotsky ou até mesmo a Hermenêutica de Capurro; ou seja, com tantas vertentes não é uma tarefa simples definir informação e não se pretende aprofundar este tema neste trabalho. Capurro e Hjørland (2007, p.155) salientam: “[...] dois contextos básicos nos quais o termo informação é usado: o ato de moldar a mente e o ato de comunicar conhecimento”. Para Dias e Pires (2005, p. 15):

A informação é um fenômeno de comunicação presente em todas as áreas do conhecimento e tem valor em função do contexto, do interesse do receptor, do seu grau de competência e domínio sobre aquele assunto. Pode-se afirmar, portanto, que a informação não tem valor intrínseco, seu valor depende da agregação de valor que o indivíduo ou a organização acrescentam à ela e aos seus produtos e serviços.

Para Le Coadic (2004) a informação é um conhecimento que está registrado de forma escrita, oral, audiovisual e traz sentido. Com isso se referindo às fontes de informação e os possíveis formatos em que a informação pode ser apresentada.

### 4.1 FONTES DE INFORMAÇÃO

As fontes de informação são os suportes utilizados para transmitir uma mensagem; são instrumentos, materiais, recursos, produtos - originais ou não - que acessem o conhecimento ou que gerem conhecimento (RODRÍGUEZ; GARCÍA, 1998). “Existem fontes e recursos informacionais orais, impressos, digitais e multimídia. Cada qual apresenta sua função, diferencia-se pelo seu conteúdo e principalmente pelo público-alvo a qual é direcionado” (BLATTMANN, 2010).

Rodríguez (1998, p 31-32, tradução do autor) elenca critérios para a tipologia da informação: (Quadro 6).

**Quadro 6 - Tipologia da informação**

A procedência e a origem da informação:	Pessoal Institucional Documental
O canal utilizado para transmitir a informação:	Oral Documental
Cobertura geográfica:	Internacional Nacional Distrital Regional Local
Adequação que a informação oferece:	Total Média Insuficiente
Representação da Informação:	Especializada Geral

**Fonte: Rodríguez, 1998.**

As fontes Institucionais são a representação de uma instituição, sejam elas privadas ou públicas e podem ser feitas oralmente ou através de documentos. (RODRÍGUEZ, 1998). As fontes pessoais, por se tratarem de algo mais direto, podem não apresentar um caráter formal em comparação a outros dois tipos de fontes também se dá pelo uso da oralidade. Por exemplo, conversas que podem levar a futuros artigos, congressos que se transformam em anais ou até mesmo indicações de um livro à um amigo.

A fonte de informação documental é a base para o desenvolvimento do trabalho do bibliotecário, que vulgarmente é conhecido somente por guardar livros, o qual detém juntamente com o arquivista e o museólogo a função de organizar e disseminar esse tipo de material. O material documental é usualmente classificado em fonte primárias, secundárias ou terciárias conforme seu conteúdo e sua proximidade com a fonte. (DIAS;PIRES, 2005: BONOTTO, [?]):

**Fontes primárias** são novas, originais como: Teses, Dissertações, Patentes, Relatórios de Pesquisas, Artigos de periódicos, Blogs...

**Fontes Secundárias** servem para facilitar e nos guiar como ponto de base para então analisar as fontes primárias: enciclopédias, dicionários, manuais, bibliografias...

**Fontes terciárias** tem como sua principal característica o auxílio ao usuário nos dois primeiros tipos de fontes: Bibliografias de Bibliografias, Guias de obras de referência.

As três origens da informação definidas pelos autores são claramente distintas, apresentando, pois, diferentes formatos e suporte. Com o advento da internet essa definição tornou-se mais elaborada e, muitas vezes, até difícil de identificar. Por exemplo: quando o presidente americano Donald Trump usa sua conta pessoal do *Twitter* para anunciar uma questão de relevância aos norte-americanos ou quando perguntamos algo usando o nosso *feed* pessoal no *Facebook* e um amigo responde ou quando recebemos um áudio de algum parente em um grupo de *Whatsapp*, as fontes podem apresentar vários formatos ou canais diferentes mas em todos a disseminação é feita dentro das redes sociais.

#### 4.2 FONTES DE INFORMAÇÃO NA WEB<sup>15</sup>

A internet trouxe várias facilidades com isso moldando a vida moderna, Guimarães (2008, p. 173) aponta que: “Além de reunir em uma única mídia os vários formatos que a precederam, a Internet contém as ferramentas necessárias para encontrar as informações disponíveis em si mesma”. Antes tínhamos que ter um jornal, um rádio e um aparelho de televisão para conseguir ter acesso a todos os formatos de uma informação, agora na palma da mão temos todos esses formatos com uma maior interação que não era permitida antigamente.

Mostafa e Terra (1998) afirmam que a “a natureza volátil” da informação em meio eletrônico transformou e reinventou o papel do bibliotecário, que ganhou novas atribuições trabalhando com bases de dados e repositórios digitais. Os autores citam os ambientes mais “controlados” em relação às fontes e critérios de avaliação, mas quando nos referimos a Web e redes sociais a produção não segue os mesmos padrões, e com isso, dificultam o trabalho do bibliotecário.

---

<sup>15</sup> Os critérios de avaliação foram apresentados na seção anterior, sobre Fake News.

A facilidade de produzir e disseminar informações nos coloca em confronto com a veracidade apresentada por elas, por isso Tomaél (2000) ressalta que é importante termos uma visão mais cuidadosa, separando o tipo de fonte que está sendo utilizado. As redes sociais tornam essa averiguação mais difícil por se tratar de fontes pessoais, podendo ser orais ou documentais, e que quebram as barreiras geográfica e até à adequação dos fatos. (Quadro 7).

**Quadro 7 - Canais (Redes Sociais) para produção e disseminação de Informação:<sup>16</sup>**

Rede Social	Formato	Alcance	Empresa Mantenedora
Youtube	Vídeo	Ilimitado	Google
Facebook	Vídeo/Texto/ Imagem/Áudio	Ilimitado	Facebook
Whatsapp	Vídeo/Texto/ Imagem/Áudio	Limitado	Facebook
Messenger	Vídeo/Texto/ Imagem/Áudio	Limitado	Facebook
Instagram	Imagem/Vídeo	Ilimitado	Facebook

Fonte: Luce, 2018

Com isso, o bibliotecário tem que assumir outros papéis para conseguir atender as demandas que a sociedade exige: o papel de gerenciador, o de publicar nos meios eletrônicos e principalmente o de **educador**. (DIAS; PIRES, 2005). (Grifo meu).

#### 4.3 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Para alguns a mediação é uma “ponte” que liga a informação ao seu usuário. Pontes, no entanto, em sua maioria, são estáticas - esperam alguém passar sem tomar a dianteira - e totalmente passíveis, elas auxiliam no trajeto mas não mostram a direção ou sugerem novas rotas, apenas ficam lá somente esperando. E por muitos anos o papel do bibliotecário de referência, em uma visão distorcida e sem conhecimento das atribuições do profissional, era esse. Alguém que ficava atrás do balcão indicando onde o livro estava na estante - uma ponte entre o usuário e o livro. Moro e Estabel (2011) enxergam a mediação como uma relação entre a pessoa e o

<sup>16</sup> São considerados somente os cinco mais usados no Brasil.

mundo que vive/a sociedade onde está inserido e suas interações com o outro e com o meio, propiciando um crescimento pessoal. Estabel e Moro (2006, p. 212) também se referem à mediação como um processo de inclusão, sendo os bibliotecários e os professores os profissionais que exercem esse papel: “**mediadores** do processo de inclusão e de cidadania”. Assim, nessa visão ampliada, a mediação não fica restrita somente a um setor dentro da biblioteca como explica Almeida Júnior (2008, p. 45):

Mediação da Informação é toda a ação de interferência – realizada pelo profissional da informação - direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional. [...] a mediação não estaria restrita apenas a atividades relacionadas diretamente ao público atendido, mas em todas as ações do profissional bibliotecário, em todo fazer desse profissional.

Almeida Júnior e Santos Neto (2014), pontuam a não passividade da mediação da informação e ressaltam o fazer do bibliotecário mais ativo. Os autores reforçam que a mediação da informação se faz presente em todas as etapas e setores de uma biblioteca:

A mediação da informação está presente em todas as atividades do profissional da informação, serviço de referência, atividades culturais, contação de histórias e, inclusive, no processamento técnico, ou seja, classificação e catalogação, que fazem parte da organização do conhecimento. (ALMEIDA JÚNIOR; SANTOS NETO, 2014, p. 99).

Relacionando a mediação às *Fake News*, o Conselho da Europa sugeriu, em seu relatório para prevenção da desinformação em medidas educacionais, ações tanto nos currículos escolares como nos universitários, e também medidas em parceria com as bibliotecas. E com isso, a mediação da informação realizada pelo bibliotecário passa a ser uma ação mais pedagógica como explica Salort (2017, p. 88):

[...] o sentido de “mediação” visto como aquele que apenas disponibiliza a informação almejada, ou seja, que serve como “ponte” entre a informação e seu usuário, talvez necessite ser transformado no mesmo sentido dado à “mediação pedagógica”, caso se queira avançar em uma perspectiva educativa da profissão de bibliotecário.

Essa visão do bibliotecário mediador/educador vem ao encontro com o pensamento dos autores já citados acima (MORO; ESTABEL, 2011; ALMEIDA JÚNIOR, 2008; ALMEIDA JÚNIOR; SANTOS NETO, 2014) que evidenciam a necessidade da existência de uma interação maior tanto do bibliotecário com o usuário, como também com todos os setores de uma biblioteca. Um profissional que conhece o meio em que está inserido e proporciona a oportunidade de crescimento ao seu usuário. Moro e Estabel (2011, p. 80) finalizam esse pensamento trazendo as melhorias que a mediação da informação, utilizando as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), pode fornecer para sociedade:

Através dos mediadores de leitura, com o uso das TICs, o acesso à informação e a novas aprendizagens é democratizado, pois todos, em condições de igualdade, independentemente de sua limitação, estarão sendo incluídos no mundo das palavras, das narrativas, dos sonhos e da fantasia, possibilitando a conquista de um mundo melhor e de um cidadão mais feliz.

Assim, se torna ainda mais indispensável o papel do bibliotecário educador que inserido na sociedade da informação poderá ser usado como referência a fim de ampliar o acesso ao conhecimento e construir um lugar mais justo para todos.

## 5 BIBLIOTECÁRIO NA WEB

A visão de um bibliotecário como a senhora que pede silêncio o tempo inteiro ou apenas um guardador de livros na estante é, além de errada, muito ultrapassada. O bibliotecário, como profissional da informação além de atuar em repositórios digitais, bases de dados e bibliotecas digitais, também utiliza as ferramentas da *Web* para promover avanços em suas bibliotecas físicas. Por se tratar de ferramentas em sua maior parte gratuitas, isto facilita que o profissional às utilize a fim de promover seu acervo e eventos, ou ações realizadas dentro de sua biblioteca. Além dos blogs, páginas do Facebook e lista de *mailing*<sup>17</sup>, algumas bibliotecas estão aderindo ao *Instagram*, que apresenta como vantagem no seu uso o baixo custo e o amplo alcance aos usuários.

Ao digitar no campo de busca do *Instagram* a palavra Biblioteca associada a *hashtag*, ou seja: #Biblioteca, conseguimos obter 35 mil citações<sup>18</sup> e fotos de diversas de bibliotecas; se o termo utilizado na busca for em inglês (*#library*) é possível localizar 5 milhões citações. Dois exemplos que utilizam essas ferramentas para promoção e divulgação de sua biblioteca são as bibliotecas universitárias da Universidade de Caxias do Sul (709 seguidores), no Rio Grande do Sul, e da Universidade Federal de Uberlândia (177 seguidores), em Minas Gerais. Ao agregar a palavra pública ao lado de biblioteca na busca, é possível localizar outros espaços que utilizam a mesma ferramenta: por exemplo, a Biblioteca Pública Estadual do Acre (542 seguidores) que se utiliza de uma linguagem mais simples, com memes, para divulgar seu espaço. A Fundação da Biblioteca Nacional (11 mil seguidores) também conta com uma página oficial dentro do *Instagram* para divulgar seu trabalho.

O Facebook também é um espaço utilizado para a promoção de bibliotecas, auxiliando na divulgação de cursos, oficinas e acervo; e também, funciona como uma forma de compartilhamento de informação entre os bibliotecários. Um exemplo disso é o grupo “Bibliotecários do Brasil”, que conta com 14 mil participantes, nesta página é possível trocar experiências e divulgar eventos e treinamentos entre os profissionais da classe. Também existem páginas, entre elas a Bibliotecários Pelo Mundo (19 mil

---

<sup>17</sup> Lista com emails de usuários.

<sup>18</sup> Números coletados até o dia 14/05/2018

curtidas) em que há menor interação entre os participantes, uma vez que somente o coordenador da página é responsável por postar as notícias.

Esse grupo dos “Bibliotecários Pelo Mundo” também mantém um blog para compartilhamento das experiências dos seus 20 autores. Além do foco principal que são as bibliotecas, eles abordam vários assuntos como viagens, universidades e indicação de livros, funcionando como uma maneira de divulgar a profissão, e também auxiliar profissionais, a partir da utilização de uma linguagem mais simples e menos acadêmica. Entre os autores do blog está Gabriela Bazan Pedrão, doutoranda em Ciência da Informação (CI) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) e bolsista pesquisadora da Fundação Biblioteca Nacional <sup>19</sup>, a bibliotecária mantém um canal do Youtube: “É o último, juro!”. Contando com nove mil inscritos e mais de 380 mil visualizações,<sup>20</sup> a Youtuber<sup>21</sup> faz resenhas de livros, fala sobre seu mestrado/doutorado e outros assuntos relacionados com a biblioteconomia e com uma linguagem simples e direcionada ao público de Youtube, ela tem ganhado destaque dentro e fora das redes sociais, sendo convidada a palestrar no XXVII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação realizado em Fortaleza em 2017.

Exemplos como da Gabriela Bazan Pedrão, do perfil no Instagram da Biblioteca Pública Estadual do Acre ou das bibliotecas universitárias, e também dos grupos dentro do Facebook, mostram que os bibliotecários já utilizam e estão inseridos dentro das redes sociais. Utilizando-as para promover seus trabalhos, sejam eles pessoais ou das bibliotecas onde trabalham, e também para trocar experiências; o que em outras épocas não seria possível devido à distância, que foi reduzida com a internet quebrando as barreiras geográficas, e que também permitiu o acesso à informação, que antes era mais restrito.

---

<sup>19</sup> Dados fornecidos pelo Lattes:  
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4277189J1>

<sup>20</sup> Visualizações computadas desde 2014 até dia 14/05/2018.

<sup>21</sup> Pessoa que mantém um canal no Youtube.

## 6 INFORMATION LITERACY

O bibliotecário sempre teve um papel central ao se tratar de informação, desde o tempo de Alexandria, passando por Gutenberg até chegar aos dias atuais e a explosão da informação. Reinventando-se, de acordo com as necessidades e atribuições que a sociedade exige, o bibliotecário nunca esteve tão requisitado pela comunidade, mesmo ela não sabendo ao certo todas as várias possibilidades de se conviver com um profissional da área da informação<sup>22</sup>.

O relatório divulgado pelo Conselho da Europa (2017) aponta a biblioteca como um espaço de confiança da comunidade em relação a *Fake News*, como se fosse um espaço livre dessas notícias e que, por sua vez, é gerido por um profissional da informação, o Bibliotecário. Para isso, o COE argumenta que é necessário o auxílio dos bibliotecários para a *digital literacy* (alfabetização digital) ou *information literacy* (Literacia da Informação/Competência em informação<sup>23</sup>) a fim de ajudar as pessoas que estejam fora de um ambiente educacional e os migrantes digitais.

A *information literacy* embora seja um termo que foi utilizado pela primeira vez em 1974 no artigo “The Information Service Environment Relationships and Priorities”, escrito pelo bibliotecário Paul G. Zurkowski, foi apenas nos anos 2000 que ganhou um destaque maior (DUDZIAK, 2003). Segundo a *Association of College and Research Libraries* (ACRL) (1989, s.p.), um grupo dentro da Associação Americana de Bibliotecários, a *American Library Association* (ALA) define competência em informação como: “[...] habilidade de localizar, avaliar e usar de forma eficaz as informações que forem necessárias”. Em sua definição de competência em informação Dudziak (2003, p.28) traz um contexto mais educacional:

[...] o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessários à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida.

No contexto histórico o termo foi cunhado pelo bibliotecário Paul Zurkowski, na época presidente da *Information Industry Association*, que notou uma carência dos

---

<sup>22</sup> Se refere a precarização das bibliotecas, e da educação, no Brasil.

<sup>23</sup> Competência da Informação é o termo, segundo o tratado de Havana, utilizado no Brasil. Por isso será o termo adotado neste trabalho.

recursos informacionais em situações de trabalho ou na resolução de problemas cotidianos (DUDIZIAK, 2003). A autora elenca oito pontos relevantes apresentados por Zurkowski(1974 apud DUDIZIAK, 2010, p. 5).), em seu artigo:

- a) A informação adiciona valor ao país e à população;
- b) Provavelmente 100% da população americana é alfabetizada, mas somente uma pequena porção pode ser considerada alfabetizada em informação;
- c) Os recursos informacionais devem ser aplicados às situações de trabalho;
- d) Existem inúmeras rotas de acesso e fontes de informação;
- e) Estas rotas de acesso e fontes são pouco conhecidas e subutilizadas;
- f) Técnicas e habilidades são necessárias no uso das ferramentas de acesso à informação, assim como no uso de fontes primárias;
- g) A informação deve ser usada na resolução de problemas;
- h) O setor privado necessita de informações para se desenvolver;
- i) A relação entre as bibliotecas e as indústrias passa por um momento de transição.

Na década de 80, a competência em informação ganhou um papel mais educacional com o surgimento e a popularização das TICs, ou seja, a informação ganhou uma visibilidade maior perante a sociedade, gerando assim uma preocupação para os bibliotecários. Dudziak (2003) aponta duas obras que foram publicadas em 1989 responsáveis por transformar *information literacy* a partir de um viés mais educacional: “*Information literacy: Revolution in the Library*”, de S. Breivik e E. Gordon Gee, e “*Presential Committe on information literacy: Final Report*” da ALA. Assim, desenvolveu-se a *Information Literacy Education* (ILE). A fim de exemplificar e deixar mais claro o papel educacional da *Information Literacy*, Dudziak (2001, p.143-146) definiu os objetivos necessários para se formar indivíduos capacitados informacionalmente:

- Saibam determinar a natureza e a extensão de sua necessidade de informação como suporte a um processo inteligente de decisão;
- Conheçam o mundo da informação e sejam capazes de identificar e manusear fontes potenciais de informação de forma efetiva e eficaz;
- Avaliem criticamente a informação segundo critérios de relevância, objetividade, pertinência, lógica, ética, incorporando as informações selecionadas ao seu próprio sistema de valores e conhecimentos;
- Usem e comuniquem a informação, com um propósito específico, individualmente ou como membro de um grupo, gerando novas informações e criando novas necessidades informacionais;

- Considerem as implicações de suas ações e dos conhecimentos gerados, considerando aspectos éticos, políticos, sociais e econômicos extrapolando para a formação da inteligência;
- Sejam aprendizes independentes;
- Aprendam ao longo da vida.

Nessa visão mais humanista de aprendizagem, Dudziak (2002), utiliza o “aprender a aprender” como base para sua argumentação a partir da defesa da competência em informação. Ela também vê o bibliotecário como peça central para esse tipo de educação informacional, tendo em vista a proximidade que esse profissional tem com a área da informação, e também ressalta que as mudanças devem ser tanto das bibliotecas como espaço físico, como dos bibliotecários como profissionais para que consigamos fornecer esse tipo de serviço: (DUDZIAK, 2001/2002/2003 2010).

- Uma visão pró-ativa de suas atividades, atuação em equipes, flexibilidade, direcionamento à educação;
- Valorização do diálogo com a comunidade, colaboração com docentes, administradores, funcionários e estudantes no desenvolvimento da educação voltada para a *Information Literacy*;
- Democratização do acesso, tanto físico quanto intelectual, à informação;
- Planejamento estratégico considerando relacionamentos e negociações, bem como os suportes financeiros necessários ao desenvolvimento de projetos. (DUDZIAK, 2001, p.155)

Esse processo envolve a quebra de estruturas, regras e paradigmas educacionais e também o modo de interação da sociedade como um todo. O processo é lento mas ações já estão sendo tomadas: além do Conselho da Europa que sugere a competência em informação para estancar a proliferação de *Fakes News*, outros projetos mais antigos vêm sendo apresentados a fim de colocar em prática a educação em competência em informação. Em 2012 a IFLA apresentou a Declaração de Havana - documento com 15 ações para o crescimento das competências em informação no contexto dos países ibero-americanos<sup>24</sup>. (Quadro 8).

---

<sup>24</sup> Países da América Latina, Portugal e Espanha

**Quadro 8 - 15 AÇÕES DE LITERACIA DA INFORMAÇÃO - Declaração de Havana**

1. Formar em todas as subcompetências processos informacionais	2. Considerar tanto o geral como o específico	3. Tender para uma formação o mais efetiva possível	4. Procurar que a formação nestas competências seja para todos	5. Trabalhar pelo seu reconhecimento como uma formação transversal e fundamental em todos os contextos
6. Gerar espaço para o intercâmbio contínuo das aprendizagens adquiridas no desenvolvimento dos programas de formação em diferentes contextos	7. Apoiar e apoiarmo-nos mutuamente no crescimento e desenvolvimento dos programas de formação	8. Facilitar e manter o intercâmbio e o apoio para utilização de diversos recursos Web	9. Possibilitar espaços e momentos de formação/ atualização colaborativa e Interdisciplinar	10. Afirmar a importância da formação nestas competências, em diferentes instâncias locais, nacionais e regionais, com base no reconhecimento que recebeu de organizações de prestígio mundial
11. Procurar que a formação nestas competências responda a necessidades de informação concretas, segundo as necessidades sociais de cada contexto	12. Desenvolver temáticas de investigação pertinentes e que fomentem o trabalho colaborativo interdisciplinar e transdisciplinar	13. Fazer e criar trabalhos conjuntos para conseguir diagnósticos atualizados sobre o Desenvolvimento desta formação em cada contexto	14. Facilitar a formação e a atualização dos profissionais de informação, atuais e futuros, na aquisição das competências necessárias para atuar como líderes de formação adequados	15. Considerar a multi literacia promovendo o trabalho conjunto e integrado de distintas instâncias

Fonte: IFLA, 2012 (Tradução Minha)

O item oito será mais detalhado pois ele engloba ferramentas dentro da *Web* a fim de promover a educação e também traz alguns pontos de referências seguros dentro da internet:

8. Facilitar e manter o intercâmbio e o apoio pela utilização de diversos recursos Web: Promover a sustentabilidade e a criação de novos

recursos Web 1.0, 2.0 ou 3.0 sobre literacia da informação (ALFIN) (portais, blogs, wikis, listas de discussão, comunidades virtuais, ferramentas da Web semântica, etc.) em cada país e a partir de bibliotecas de diferentes tipologias, instituições educativas ou organizações que promovam a literacia da informação (ALFIN) nos seus contextos; apoiar e integrar esses recursos geridos por diversos profissionais ou organizações na área ibero-americana, para conhecer mais profundamente o desenvolvimento em cada contexto, e da região em geral, e, desse modo, dar azo a maiores possibilidades de trabalho colaborativo. (IFLA, 2012).

No mesmo ano de 2012, na *International Conference Media and Information Literacy for Knowledge Societies I*, realizada em Moscovo, reuniu 1300 pessoas de 40 países diferentes entre representantes do governo, entidades não governamentais, professores universitários, bibliotecários, jornalistas entre outros. Durante a conferência alguns pontos foram abordados, sendo um deles que a *Information Literacy* é importante para criar uma sociedade mais igualitária e melhorar o nível de vida da população. Também, foram definidas barreiras que devem ser combatidas para o progresso da *Information Literacy*:

- Capacidades, recursos e infra-estrutura limitados;
- Censura, informação limitada no domínio público, comercialização, privatização e monopolização da informação;
- Falta de respeito pela diversidade cultural e linguística;
- Barreiras legais excessivas e inadequadas para acessar, distribuir e possuir informação;
- Falta de consciência pessoal da preservação a longo prazo da informação;
- Falta de colaboração intersetorial e interdisciplinar entre as partes interessadas (entre bibliotecários e educadores de mídia, entre meios de comunicação de massa e organizações académicas, etc.). (IFLA, 2012).

Ao final do evento, a IFLA juntamente com a *United Nations Educational Scientific and Cultural Organization* (UNESCO), assinaram a Declaração de Moscovo (DM), em que quarenta países participantes, entre eles o Brasil, concordaram em seguir as 12 medidas estabelecidas para o desenvolvimento da *literacia* da informação: (Quadro 9).

**Quadro 9 - 12 medidas para Literacia**

Reconhecer que a MIL <sup>25</sup> é essencial para o bem estar e progresso do indivíduo, da comunidade e da economia	Integrar a promoção da MIL em todas as mídias nacionais educacionais, culturais, de informação	Responsabilidades primordiais de, desenvolver capacidades a fim de promover a colaboração entre as diferentes partes interessadas (governo, educação, mídia, juventude, organizações, bibliotecas, arquivos, museus e ONGs, entre outros)
Incentivar os sistemas educativos a iniciar reformas estruturais e pedagógicas necessário para o aprimoramento da MIL	Integrar a MIL nos currículos, incluindo sistemas de avaliação em todos os níveis de ensino-aprendizagem ao longo da vida e no local de trabalho e formação de professores	Priorizar o apoio a redes e organizações que trabalham com questões de MIL e investir em capacitação
Realizar pesquisas e desenvolver ferramentas para a MIL, incluindo estruturas para compreender técnicas, indicadores e técnicas de avaliação baseadas em evidências	Desenvolver e implementar padrões MIL	Promover competências relacionadas com a MIL que apoiem a leitura, escrita, fala, ouvir e ver
Incentivar o diálogo intercultural e a cooperação internacional, promovendo simultaneamente MIL em todo o mundo	Investir em processos que suportem a preservação a longo prazo da informação digital	Promover e proteger os direitos à liberdade de expressão, liberdade de informação, direito à privacidade e confidencialidade, princípios éticos e outros direitos

**Fonte: IFLA, 2012.**

Desde sua primeira referência em 1974 a *Information Literacy* ganhou novas denominações e agregou palavras e funções com o desenvolvimento das TICs. O uso de *Media and Information Literacy*, tornou-se mais amplo abrangendo os meios de comunicação na *Web*. Em português o termo obteve várias traduções, algumas como: Literacia da Informação, Competência em informação, Alfabetização Midiática Informacional. Mas assim como em todas as declarações e relatórios apresentados,

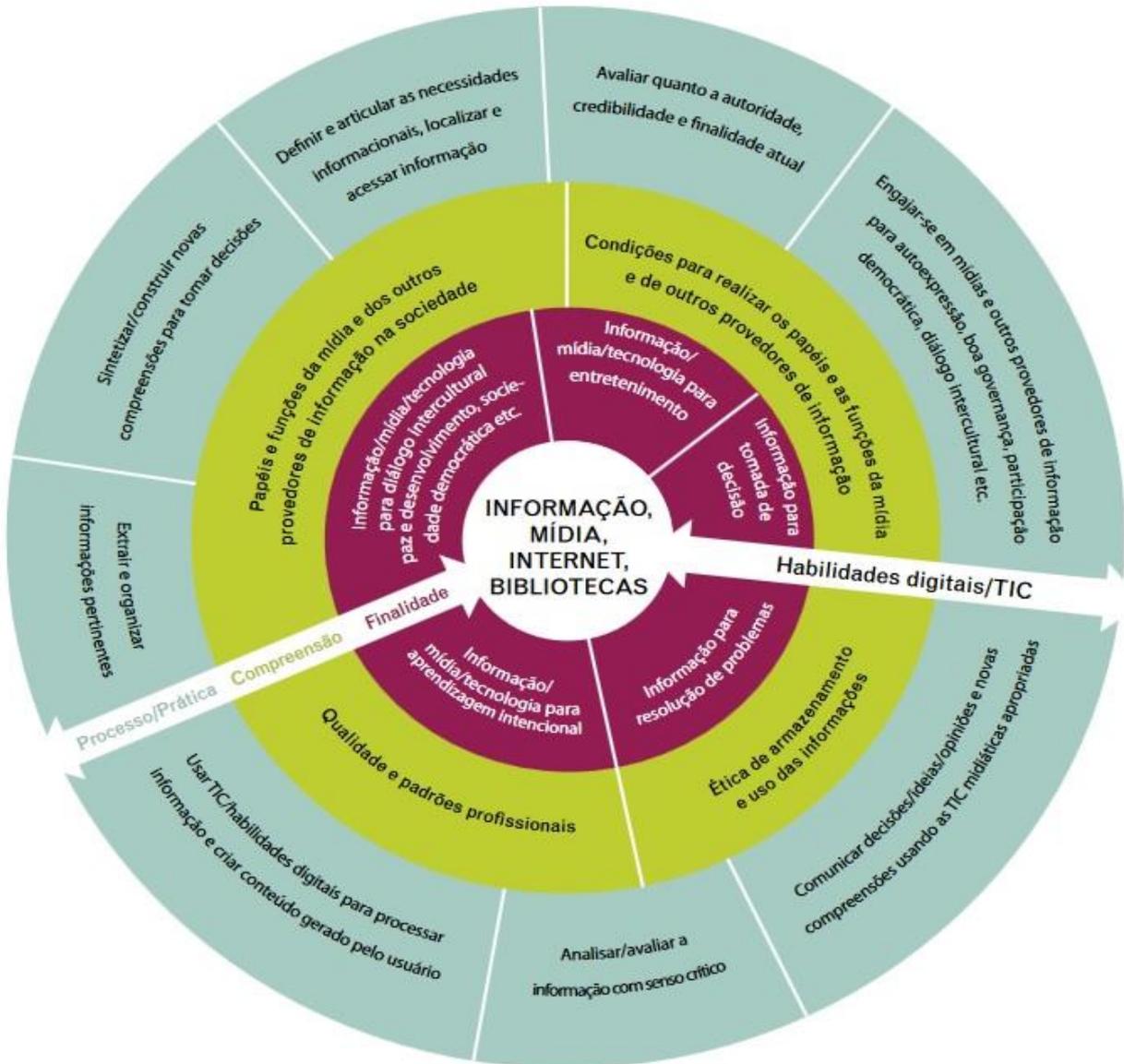
<sup>25</sup> Media and Information Literacy

pela UNESCO, IFLA, COE, a biblioteca e o bibliotecário são um dos pontos centrais para o desenvolvimento desse conceito de educação, e uma das chaves para o desenvolvimento social.

A palavra Mídia aparece em voga junto com *Information Literacy* para ser utilizada perante a sociedade do conhecimento (*Knowledge Societies*). Também, na Declaração de Moscou, a IFLA (2012, p.2) define como: pré-requisito para o desenvolvimento sustentável de sociedades do conhecimento”. Segundo a DM a alfabetização midiática e informacional pode garantir ao cidadão uma capacidade de reconhecer fontes, utilizar meios informacionais tanto digitais quanto analógicos, e principalmente, permite uma autonomia perante a sociedade do conhecimento (IFLA, 2012).

Em 2016 a UNESCO lança no Brasil a publicação “Alfabetização Midiática e Informacional: Diretrizes para Formulação de Políticas e Estratégias” que em suas 200 páginas conceitua o que é Alfabetização Midiática Informacional (AMI), traz ações mais diretas que devem ser realizadas para sua implementação e mostra países que já adotam algum tipo de educação midiática, no caso da América Latina são citadas a Argentina e a Colômbia. Em uma matriz conceitual a UNESCO propõe como funcionaria a Alfabetização Midiática Informacional: (Figura 8).

Figura 8 - Matriz conceitual sobre Alfabetização Midiática Informacional



Fonte: UNESCO, 2016.

Esta matriz conceitual é dividida em quatro níveis. Começando pelo centro até as margens (de dentro para fora) encontram-se os recursos informacionais, no quais se localizam a informação. No segundo círculo, de cor roxa, está representada a finalidade dessa informação ou onde ela será utilizada. No terceiro círculo, em verde, está a compressão perante a informação e seu receptor. E o último círculo, em azul claro, representa a etapa prática, de utilização da informação.

Visando esse contexto educacional Dudziak (2002, s.p.) elabora um diagrama integrando informação, conhecimento e aprendizagem dentro da *Information Literacy*, e a autora faz uma diferenciação entre esta e o papel da biblioteca em cada estágio:

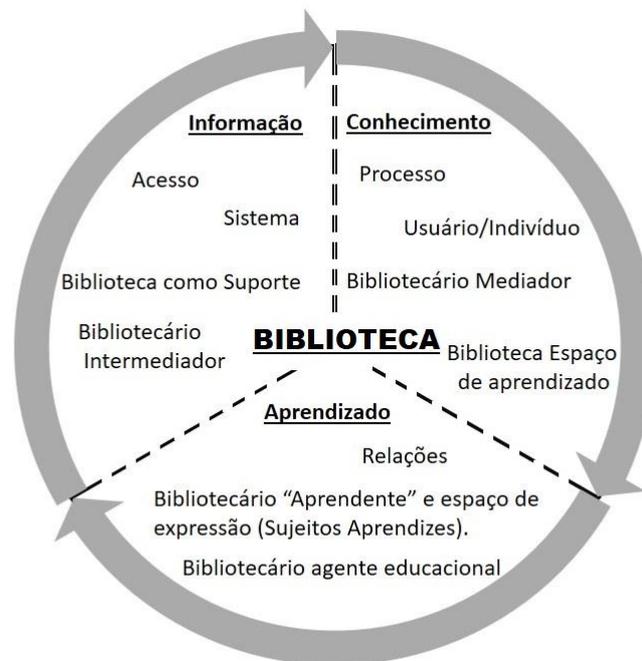
**Figura 9 - Demonstrativo das diferentes concepções de *information literacy***



**Fonte: Dudziak, 2002.**

Embora esse esquema apresente de uma forma mais clara as atribuições das bibliotecas e dos bibliotecários, ele pode nos dar uma ideia hierárquica de que um se encontra acima do outro, por isso, vale destacar que as Competências informacionais tem que ocorrer em todas as instâncias dentro de uma biblioteca. Sendo o bibliotecário uma peça chave para suprir as necessidades de seus usuários, eles que iriam definir qual estágio ocupam. Para isso, neste trabalho foi elaborado um esquema de visão diferente da concepção de Dudziak (2002). (Figura 10).

**Figura 10 - Releitura do Demonstrativo das diferentes concepções de *information literacy* ( Dudziak)**



**Fonte: Luce; Moro, 2018.**

Outros pontos relevantes levantados pela autora dentro da *Information Literacy* são: “O bibliotecário é visto como agente educacional, ativamente envolvido com os conteúdos e práticas pedagógicas, e também visto como **cidadão atuante na comunidade**”. ( Dudziak, 2012) ( grifo meu). Segundo o artigo 2º do código de ética do bibliotecário (2002), os deveres do profissional de Biblioteconomia compreendem, além do exercício de suas atividades, inciso E: “contribuir, como **cidadão** e como profissional, para o **incessante desenvolvimento da sociedade** e dos princípios legais que regem o país” (grifo meu). Também, é preciso destacar o artigo 3º do código de ética que também é utilizado como juramento durante a cerimônia de graduação dos estudantes do curso: “preservar o cunho liberal e humanista de sua profissão, fundamentado na liberdade da investigação científica e na dignidade da pessoa humana”. Mesmo ainda não estando engajada na *Information Literacy* a biblioteca é, e sempre foi, um espaço de acolhimento educacional, e o bibliotecário é um agente educacional, inclusive tendo regras que o gerem em relação a isso.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a elaboração desse trabalho foi possível ter uma noção do momento informacional que nossa sociedade vive. Devido à complexidade e a extensão do tema conseguimos somente traçar um panorama geral sobre o assunto abordado, com isso abrindo oportunidade para futuros estudos. Outro fator que determinou o rumo do trabalho foi a grande gama de material produzido e recuperado fora de fontes acadêmicas - na *Web* em geral.

Em se tratando de *Fake News*, notamos as consequências causadas por estas; a facilidade de produção das mesmas; os diversos objetivos dos produtores, como ganhar dinheiro ou difamar terceiros; também localizamos iniciativas que trabalham para inibir a propagação de *Fake News* e educar a sociedade, como as agências de *Fact Checking*.

No contexto da Ciência da Informação, atribuições foram designadas ao bibliotecário agora como mediador e também educador. Segundo o relatório do COE (2017) existe uma procura pelas bibliotecas como portos seguros em se tratando de informação, assim evidenciando mais ainda a necessidade de um profissional capacitado para exercer essa função. E também, cria-se um alerta para a realidade brasileira em relação à *Media Information Literacy*, pois embora tenhamos assinado a Declaração de Moscou será que estamos prontos para implementar isso em nossas bibliotecas? A falta de trabalhos específicos na área fazem com que o tema ainda seja pouco debatido. Outro ponto que pode ser questionado é: como os cursos de biblioteconomia no país vem abordando o tema? Assim, fazem-se necessários outros estudos tanto na área de *Media Information Literacy*, como sobre a utilização de redes sociais pelos profissionais da informação.

Atribuições estas que podem e devem ser responsabilidade dos bibliotecários, por serem profissionais que trabalham com a disseminação de informação tendo em sua formação, durante o curso de graduação, cadeiras que os preparam para atuar na diferenciação de informações. Sendo assim, o bibliotecário tem recursos, e aqui não me refiro a recursos financeiros, mas sim a recursos de formação, que o leva a ser um dos profissionais mais capacitados a atuarem contra essa disseminação de desinformação que já se tornou uma epidemia.

Também, é importante refletir que o bibliotecário sozinho não pode ser responsável por tudo, temos que trabalhar em rede e em equipes multi e

interdisciplinares, nas quais bibliotecários atuem juntamente com professores, jornalistas, técnicos de informática, entre outros. E principalmente, é necessário que exista o apoio e o incentivo do poder público para que pesquisas e ações de combate a desinformações ganhem espaço. Atuando como foco principal a sociedade e não somente a tecnologia, pois ao final desse trabalho foi possível notar que a tecnologia ainda é uma coadjuvante, uma ferramenta para as relações humanas, e a pesquisa *The spread of true and false news online* mostrou isso.

Esta pesquisa também demonstrou que as *Fake News/Desinformação* tem maior alcance que notícias reais e destacamos aqui alguns padrões utilizados: título chamativo, expressões de intensidade, linguagem coloquial e direta nem sempre seguindo as normas gramaticais. E ao reparar nisso, pode-se tentar estabelecer um paralelo com a teoria do filósofo coreano Byung-Chul Han (2014), que evidencia que a sociedade vive em um eterno estado de fadiga (sociedade do cansaço). E, talvez isso reflita na grande propagação de *Fake News/Desinformação*, pois estamos constantemente cansados e com isso não queremos nos esforçar para decodificar as mensagens recebidas; ou seja, se ela vem ao encontro do meu pensamento (Pós-Verdade) e não tenho dificuldade de assimilá-la, então posso afirmar que essa é uma informação verídica. Será que o excesso de informação nos saturou? Será que não conseguimos absorver todo o conteúdo que recebemos e nunca vamos conseguir? Será que estamos vivendo no futuro imaginado por Aldous Huxley em seu livro *Admirável Mundo Novo* (1932)? Esse trabalho não se propõe a investigar esses pontos, mas sim fazer um panorama das *fake news* no momento em que vivemos e quais as atribuições dos bibliotecários nesse contexto.

Considerando a grande quantidade de informação e também as atribuições de mediador/educador do bibliotecário no contexto atual, podemos fazer uma analogia com uma situação ocorrida em uma biblioteca. Ao receber um usuário em sua biblioteca, o bibliotecário é indagado se já leu todos os livros daquele lugar. Mesmo respondendo que não, completa dizendo que pode localizar qualquer livro para ser utilizado quando for necessário. Assim, podemos tomar o lugar deste bibliotecário em relação à informação: será que precisamos de tanta informação diariamente? Ou precisamos apenas saber como e onde localizar toda essa informação? E como saber se essa informação encontrada é verídica e de qualidade?

Ao final, cito umas das orientações apresentadas por Cristina Tardáguila (2018) em sua palestra: “**Desconfie! na dúvida não compartilhem**”. Essa simples ação

pode evitar que notícias tendenciosas se propaguem. É completo que, além de desconfiar, respeitem a opinião do próximo e também se lembrem que um ato dentro de um ambiente de web pode alcançar proporções mundiais, podendo acarretar em desfechos negativos para alguém.

## REFERÊNCIAS

7 vacinas mais perigosas do mundo. **Curas Naturais**, [S:l], 2017. Disponível em: <<http://curasnaturais.net/vacinas/7-vacinas-mais-perigosas-do-mundo/>>. Acesso em 17 abr. 2018.

AGUIAR, Giseli Adornato de. **Uso das Ferramentas de Fedes Sociais em Bibliotecas Universitárias**: um estudo exploratório na UNESP, UNICAMP e USP. 2012. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/TCc2Nx>>. Acesso em: 12 abril 2018.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In. VALENTIM, M. L. P. **Gestão da Informação e do Conhecimento no Âmbito da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis: Cultura Acadêmica, 2008. p. 41-54.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de; SANTOS Neto, João Arlindo dos. Mediação da informação e a organização do conhecimento: interrelações. **Informação e Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 98 - 116, maio./ago. 2014. Disponível em:<<http://www.uel.br/revistas/informacao/>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

ARAUJO, Marcelo de. Manipulação e Fake News: Debate no Goethe-Institut. In: MANIPULAÇÃO E FAKE NEWS: UMA NOVA FORMA DE COMUNICAÇÃO AMORAL?, 2016, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: no Goethe-Institut, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/McxtQ8>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

ARRUDA, Felipe. 20 anos de Internet no Brasil: aonde chegamos?. **TECMUNDO**. São Paulo, 4 mar. 2011. Disponível em: < <https://goo.gl/DMvDzt> >. Acesso em: 14 abr. 2018.

BLATTMANN, Ursula. O que são fontes e recursos informacionais? **BVABCI**. Florianópolis, 2010. Disponível em: <<http://bib-ci.wikidot.com/o-que-sao-fontes-e-recursos-informacionais>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

BRASIL. Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 24 abr. 2014. Disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm)>. Acesso em: 14 abr. 2018.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia**: de Gutenberg à internet. Tradução: Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. The concept of information as we use in everyday. In:\_\_\_\_\_. **Annual Reviews of information Science and Techology**. Medford: Information Today,2003. p. 343-411. Disponível em: <<http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/CAPURRO.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução: Maria Luiza X de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sociedade em Rede**. Tradução: Roneide Venancio Majer. 17 ed. São Paulo: Paz & Terra, 2016.

CATARINO, Maria Elisabete; BAPTISTA, Ana Alice. Web Semântica e Qualitativa no Intercâmbio da informação. In: TOMAÉL, M.I. (Org.). **Fontes de Informação na Internet**. Londrina: EDUEL, 2008. cap. 2.

CATARINO, Maria Elisabete; SOUZA, Terezinha Batista de. A Representação Descritiva no Contexto da Web Semântica. **Transinformação**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 77-90, ago.2012. Disponível em:<[goo.gl/uq3g7A](http://goo.gl/uq3g7A)>. Acesso em: 12 abr. 2018.

CHESNEY, Bobby; CITRON, Danielle. Deep Fakes: A Looming Crisis for National Security, Democracy and Privacy? **LAWFARE**. Washington, 21 fev. 2018. Disponível em:< <https://goo.gl/zdmN65> >. Acesso em 15 abr. 2018.

COLE, Samantha. We Are Truly Fucked: Everyone Is Making AI-Generated Fake Porn Now. **MotherBoard**. [New York], 24 jan. 2018. Disponível em: < <https://goo.gl/hLt9PX>>. Acesso em 15 abr. 2018.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **História do CGI.br**. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.cgi.br/historicos/>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

CONSELHO DA EUROPA. **Valores**: Direitos Humanos, Democracia, Estado de Direito. Strasbourg, [20-]. Disponível em: <<https://www.coe.int/pt/web/about-us/values>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. Resolução n.º6 de julho de 1966. Juramento Profissional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 17 ago. 1966. Disponível em:< <https://goo.gl/CZC9KA>>. Acesso em: 02 maio. 2018.

\_\_\_\_\_. Resolução n.º 42 de 11 de janeiro de 2002. Código de Ética do Conselho Federal de Biblioteconomia **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 14 jan. 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/PxBK4x>>. Acesso em 02 maio. 2018.

CURTY, Renata Gonçalves. Web 2.0: Plataforma para o conhecimento coletivo. In: TOMAÉL, M.I. (Org.). **Fontes de Informação na Internet**. Londrina: EDUEL, 2008. cap.3.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna S.. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens**. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Maria Matilde Kronka; PIRES, Daniela. **Fontes de Informação**: um manual para cursos de graduação em biblioteconomia e ciência da informação. São Carlos: EdUFScar, 2005.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. **Information Literacy e o Papel Educacional das Bibliotecas**. 2001. 187 f. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2001. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/pt-br.php>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Information literacy e o papel educacional das bibliotecas e do bibliotecário na construção da competência em informação. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 25., 2002, Salvador. **Anais...** Salvador: INTERCOM, 2002. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002\\_anais/2002\\_ENDOCOM\\_DUDZIAK.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_ENDOCOM_DUDZIAK.pdf)>. Acesso em: 28 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652003000100003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652003000100003&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 28 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Competência informacional: análise evolucionária das tendências da pesquisa e produtividade científica em âmbito mundial. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 1-22, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/43707>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

ESTABEL, Lizandra Brasil; MORO, Eliane Lourdes da Silva. Capacitação de Bibliotecários com Limitação Visual pela Educação a Distância em Ambientes Virtuais de Aprendizagem. **Ciência da Informação**, Brasília. v.35, n.3, p.209-217, set./dez. 2006.

Fake News: Baseado em Fatos Reais fala das notícias falsas. Produção André Fran. **GLOBONEWS**, São Paulo, 30 set. 2017. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=k4urpUUcaDI>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

FONSECA, Bruno. O que é Fact-Checking. **Pública**, São Paulo, 21 jun. 2017. Disponível em: <<https://apublica.org/2017/06/truco-o-que-e-fact-checking/>>. Acesso em 21 abr. 2018.

GARCÍA, José Antonio. Sobre la Información, su necesidad y los modos de acceder a ella. In: TORRES RAMÍREZ, Isabel de (Ed.). **Las fuentes de información: estudios teórico-prácticos**. Madrid: Síntesis, 1998. Cap. 1, p. 17-27.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994.

\_\_\_\_\_. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRIZZLE, Alton (Org.). **Alfabetização Midiática e Informacional**: Diretrizes para formulação de políticas e estratégias. Brasília: UNESCO, CETIC.br. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/xk74EU>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

GUIMARÃES, Angelo de Moura. Internet. In: CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo da Terra (Org.). **Introdução às Fontes de Informação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

GUIMARÃES, Keila. Vacinação em queda no Brasil preocupa autoridades por risco de surtos e epidemias de doenças fatais. **BBC Brasil**, São Paulo, 29 ago. 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-41045273>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

HAN, Byung-chul. **Sociedade do Cansaço**. Porto Alegre: Vozes, 2014.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. Tradução: Vidal de Oliveria; Lino Vallandro. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Declaração de Moscou**. Moscou, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/QbpBvY>>. Acesso em 1 maio 2018.

\_\_\_\_\_. **Declaração de Havana**. Havana, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/JGzmLq>>. Acesso em 1 maio 2018.

KIRBY, Emaná Jane. The city getting rich from fake news. **BBCNEWS**, Londres, 12 dez. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/N5boCy>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

Le COADIC, Y. **Ciência da Informação**. 2ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LÜDKE, Menga; André, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUPA. **Mas de onde vem o Fact-Checking?**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/de-onde-vem-o-fact-checking/>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

METZ, Cade. Web 3.0: The Internet is Changing... again. **PC MAGAZINE**, Nova York, 10 abr. 2007. Disponível em: <[goo.gl/9SKJNG](http://goo.gl/9SKJNG)>. Acesso em: 09 abr. 2018.

MONTENEGRO, Raul. Barbárie sem limite. **Istoé**. São Paulo. maio 2014. Disponível: <[https://istoe.com.br/362158\\_BARBARIE+SEM+LIMITES/](https://istoe.com.br/362158_BARBARIE+SEM+LIMITES/)>. Acesso em 17 abr. 2018.

MICHAELIS: Dicionário prático da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

MONTEIRO FILHO, Armando Ortiz. Comunicação Hi-Tech: Digital e Pós-Verdade política. In: PENSACOM BRASIL, 2016, São Paulo, SP. **Anais eletrônicos...** São Paulo: PENSACOM BRASIL, 2016. Disponível em:< <https://goo.gl/c9EvkC> >. Acesso em: 25 maio 2017.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. A Mediação da Leitura na Família, na Escola e na Biblioteca através das Tecnologias de Informação e de Comunicação e a Inclusão Social das Pessoas com Necessidades Especiais. **Revista Inclusão Social**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 67-81, jan.-jun., 2011. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1657/1863>>. Acesso em 29 abr. 2018.

Notícias Naturais Vacina Contra Catapora demonstra ausar herpes zoster em algumas crianças. **Notícias Naturais**, [S: l], 2018. Disponível em:< <https://goo.gl/XdcKg5>>. Acesso em 17 abr. 2018.

O LADO OBSCURO DAS VACINAS. [Página no Facebook]. 06 dez. 2018. Disponível em:<<https://www.facebook.com/groups/1541114232797859/>>. Acesso em 16 abr. 2018.

O'REILLY, Tim. What Is Web 2.0 Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. **O'REILLY**, Sebastopol (EUA), 9 mar. 2005. Disponível em: <[goo.gl/BLdAVK](http://goo.gl/BLdAVK)>. Acesso em: 09 abr. 2018.

OXFORD DICTIONARIES. **Oxford dictionaries word of the year 2016**. Londres, 2016. Disponível em: < <https://goo.gl/HKvQJT>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

PRIKLADNICKI, Fábio. Com a Palavra Nuccio Ordine. **Zero Hora**, Porto Alegre, 11 nov. 2017. Doc, a reportagem em foco, p. 3.

PAULUZE, Tahiza. Educação é saída, mas não resolve propagação de Fake News, dizem especialistas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 abr. 2018. Disponível em:< <https://goo.gl/3e8tL9>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

RAIS, Diogo. O que é "Fake News". **PORTAL MACKENZI**. São Paulo, 13 abr. 2017. Disponível em: < <https://goo.gl/8FukDH>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

RECUERO, Raquel. Rede Social. In: SYPER, Juliano. **Para Entender a Internet: noções práticas e desafios da Comunicação em Rede**. [S. l]: NãoZero, 2009. Disponível em:<[goo.gl/fKwGsb](http://goo.gl/fKwGsb) >. Acesso em: 12 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. **Redes Sociais**: na Internet. 2ª.ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RIBEIRO, Anna Gabriela. Mulher morta após boato em Rede Social é enterrada em Guarujá, SP. **G1**. São Paulo, maio 2014. Disponível: < <https://goo.gl/SgVYFq> >. Acesso em: 17 abr. 2018.

RODRÍGUEZ, Isabel Villaseñor. Los Instrumentos para la recuperación de la información: Las Fuentes. In: TORRES RAMÍREZ, Isabel de (Ed.). **Las fuentes de información**: estudios teórico-prácticos. Madrid: Síntesis, 1998. Cap. 2, p.29-63.

SALORT, Shirlei Galarça. **A Biblioteca e o Bibliotecário em Tempos de Cibercultura: espaços e práticas**. 2017. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/QDC3Cz>>. Acesso em 28 abr. 2018.

SILVA, Edna L. da; MENEZES, Estera M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em:<<https://goo.gl/3fwPdy>>. Acesso em 27 abr. 2018.

SILVA, Leila Morás; LUCE, Bruno Fortes; SILVA FILHO, Rubens da Costa. Impacto da Pós-Verdade em Fontes de Informação para a Saúde. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo. Vol. 13, nesp (2017), p. 271-287, 2017. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/172757>>. Acesso em 21 abr. 2018.

SILVERMAN, Craig. This analysis shows how viral fake election News stories outperformed real News on facebook. **BuzzFeedNews**, New York, 16 nov. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/QqQGpw>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

TARDÁGUILA, Cristina. Fake News: A mentira na Política. **TED**. Petrópolis, 12 jan 2018. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=skKicxnvhJo>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

TRIVIÑOS, A. N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TOMAÉL, Maria Inês et al. Fontes de informação na Internet: acesso e avaliação das disponíveis nos sites de universidades. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 12, 2000, Florianópolis-SC. Disponível em: <[www.snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t138.doc](http://www.snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t138.doc)>. Acesso em 29 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Critérios de qualidade para avaliar fontes de informação na internet. In: TOMAÉL, Maria Inês; VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. **Avaliação de fontes de informação na internet**. Londrina: Eduel, 2004. p. 19- 40.

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. The spread of true and false news online. **Science**, New York, 09 mar. 2018, vol.359(6380), p.1146-1151. Disponível em: <<http://science.sciencemag.org/content/359/6380/1146>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

WARDLES, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **INFORMATION DISORDER: Toward na interdisciplinar framework for research and policy making**. Strasbourg: CONCIL OF EUROPE, 2017. Disponível em: <<https://rm.coe.int/information-disorder-report-2017/1680766412>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

WE ARE SOCIAL. **Digital In 2017 Global Overview**. Milan, 2018. Disponível em: <<https://wearesocial.com/special-reports/digital-in-2017-global-overview>>. Acesso em 14 abr. 2018.

ZURKOWSKI, Paul G. The Information Service Environment Relationships and Priorities. **Related Paper** No. 5. 1974. Disponível em: <<https://eric.ed.gov/?id=ED100391>>. Acesso em: 29 abr. 2018.